

Ir. Basilio Rueda Guzmán
HOMEM PARA O HOMEM

Caderno 6

A INTELIGÊNCIA, O TRABALHO

IR. GIOVANNI BIGOTTO

1

À SOMBRA DO SEGUNDO MANDAMENTO

Em 1985, o Irmão Demétrio Alzaga escreve várias páginas em favor de Basílio. Deixa-se inspirar nos traços bíblicos que esse Irmão fizera crescer desde o tempo de seu generalato. É um longo artigo de admiração e gratidão que conclui assim: “Homem providencial, foi um presente do Senhor e de Maria Santíssima para o tempo que tivemos que viver após o Concílio, num período de crise universal, quando correntes de pensamento exigiam um espírito claro que pudesse orientar a marcha em caminhos de verdade e de segurança. Afirma-se que cada geração produz *um homem fora de série*. Um entre milhões. Em nossa geração é o Irmão Basílio esse número fora de série. Sua maneira de proceder no mais alto dos cargos deixou uma impressão profunda que fará história nos anais da Congregação. Honestidade, simplicidade, dom de compreender as pessoas, são realidades que o acompanham e fazem parte de sua vida...”¹

Basílio, *homem fora de série*, eis aquele sobre o qual gostaríamos de deter nossos olhares nas páginas que seguem. Basílio mais considerado como homem, em sua *inteligência*, sua *cultura*, seu *ardor no trabalho*, seu *amor pelo nosso mundo*, *irmão entre os irmãos*, cultivando muito os valores de sociabilidade, que são todos maristas porque estão nas constelações da simplicidade e da humildade.

A primeira parte do livro *Basílio, o homem de Deus*, apresentou sobretudo o mundo religioso: sua vida com o Pai, com Jesus, o Senhor, com o Espírito de Santidade, seu olhar de filho em relação à Virgem Maria, a Marcelino, ao universo da oração e dos votos. Um panorama vasto e rico.

Esta segunda parte se detém mais sobre o homem, ou, como quereria o título: *Basílio, o homem para o homem*.

Pura comodidade de análise, porque de fato a pessoa e a vida apresentam sempre um todo coerente e em osmose constante: o homem que se mantém em companhia de Deus é mais homem; o homem que se aproxima dos outros

¹ Madrid Marista. “Ao Irmão Basílio Rueda”, número específico, 1985, p. 15.

encarna seu amor de Deus e revela que é habitado pelo Espírito de Deus. Os dois mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus, com todas as tuas forças...” e “Amarás teu próximo como a ti mesmo” formam um todo, chamam-se mutuamente parra se realizar. Como o próprio Basílio afirma, estão em equação: o amor de Deus = o amor do próximo. Se um dos membros da equação está ausente, o outro é igual a nada, é um puro vazio.²

O trabalho detém-se sobre Basílio, o homem, embora admitindo, desde as linhas iniciais, que as qualidades humanas são postas a serviço de Deus e de seu povo: são as energias humanas da santidade. Se tomamos o caso concreto da inteligência, em Basílio, como não perceber que ela é profética e sempre disposta ao amor? Energias humanas, porém cheias de graça.

Nesse aspecto humano encontramos em Basílio um homem *inteligente, culto, trabalhador, apaixonado pelo nosso mundo, líder nato*, mas sobretudo *irmão*, muito chegado, simples: exemplo de humanidade bem-acabada e que pode ser apreciado por todo o mundo, cristão ou não, que possua o sentido da grandeza, da nobreza de alma. Muitos Irmãos e amigos vão deixar seus testemunhos de tal modo que a leitura dá a impressão de caminhar numa *galeria de retratos*. Tudo isso poderia propor apenas o modelo de um herói humano. A intenção final, contudo, é mostrar a que altura o amor de Deus, quando está presente num homem, pode elevar a própria natureza humana.

Se estas páginas acentuam sobretudo o humano e o segundo mandamento: “Amarás teu próximo...”, deixarão constantemente emergir o primeiro mandamento: “Amarás teu Deus com todo teu coração...”. É impossível fazer diversamente, pelo menos na vida de um verdadeiro Servo de Deus. Os dois mandamentos existem em equação ou nenhum deles existe. O lado humano de Basílio é rico dos dois amores: Deus e o próximo.

² *Bética Marista*, outubro, 1972, pp. 9-10.

2

A INTELIGÊNCIA DE BASÍLIO

A inteligência impregna o homem todo e se manifesta no que ele faz. Quando é excepcionalmente elevada, ela se manifesta nos momentos decisivos, muitos falam dela e lhe pedem seus préstimos.

Ao penetrarmos no universo da inteligência de Basílio deixaremos *os fatos* falarem, depois *as testemunhas*, antes de descobrir as numerosas facetas que a compõem e fazem dele um *homem fora de série*.

2.1. Os fatos

Desde que Basílio transpôs o limiar do apostolado, depois de sua primeira formação, dá a impressão de sempre ter sido reconhecido como líder: há nele convicção, entusiasmo, otimismo, proximidade e simplicidade, respeito pelo outro e arte da escuta; sabe suscitar o melhor da pessoa. Todas essas qualidades são envolvidas pela inteligência continuamente trabalhando, porém mais notável em certas circunstâncias. Sua *tese de mestrado* em Filosofia – *Ser e Valor* – defendida em 17 de novembro de 1961, valeu-lhe a menção ‘*magna cum laude*’. A banca só tem louvores e considera que o trabalho merece uma tese de doutorado. Ora, na defesa da tese, Basílio apresentou apenas a primeira parte de uma série de três que visavam justamente ao doutorado.³

Um ano antes, o Conselho Geral aceitara destacá-lo do Instituto para que ajude o Padre Lombardi no *Movimento do Mundo Melhor*.⁴ Nele trabalhará de fins de 1960 a fins de 1964. Será o responsável pelo Movimento no Equador, a partir de 1961. Sabemos do resultado que teve no mundo da Igreja e da política. Os bispos deslocavam-se para escutá-lo; confiavam-lhe as mudanças da pastoral; a Igreja da Colômbia também lhe solicita uma proposta de novo programa e nova pedagogia para a catequese nacional.⁵ Um político do Equador, que se tornará

³ *Queimar a Vida*, pp. 75-76.

⁴ *Queimar a Vida*, pp. 82-84.

⁵ *Queimar a Vida*, pp. 82-101.

grande amigo, Conto A. Patino, tem de Basílio uma alta idéia: “Quando Basílio esteve em nossa casa, nas terras do Equador, em seus colóquios e em seu trabalho, pudemos admirar as qualidades que enriquecem sua personalidade, sobretudo sua capacidade, seu aspecto brilhante, seu dinamismo e, acima de tudo, sua santidade”.⁶ E quando esse homem participava de um retiro em Rocca di Papa,⁷ o padre Lombardi lhe disse: “Que sorte vocês, os equatorianos, têm de poder contar com o Irmão Basílio. Ele é a honra e a glória da Igreja universal”.⁸ O livro *Basílio, outro Champagnat*, relata várias passagens de cartas que o Padre Lombardi endereçava ao Irmão Basílio; todas elas exprimem admiração e fazem elogios: “Sua carta trouxe-me grande consolação porque ouvira falar tão bem do Irmão Basílio Rueda, e agora saber que ele está unido a nosso modesto esforço, isso realmente me dá esperança... ‘O sucesso tão belo do último curso *Pro Ecclesia* é uma coroa que o Senhor quis lhe dar e é a mais bela prova de sua dedicação’... Tenho grande confiança em sua capacidade e em sua boa-vontade e certamente você saberá tomar o melhor caminho possível’... ‘Quanto bem você está fazendo! Por toda a parte em que passo, em minhas andanças pelo mundo, tenho notícias dos cursos que você oferece aos Irmãos. Verdadeiramente Jesus lhe deu uma missão de animador; de algum modo você está mudando a imagem do Superior-Geral’.⁹ *Queimar a Vida*, a primeira biografia de Basílio, consagra a esse período um dos capítulos mais longos e mais ricos. Encontramos um Basílio brilhante que age com todas as energias de sua juventude.

Quando a obediência lhe pede ser *diretor do Segundo Noviciado*, na Espanha, em 1965, conhecerá o mesmo sucesso. Entre os Irmãos que freqüentam seus cursos ele suscita admiração, entusiasmo e muita afeição. A biblioteca do Escorial conserva muito desses testemunhos admiráveis. Dois pormenores: nas sessões de *cinéfórum*, todos ficavam contentes quando Basílio as dirigia: ele sabia pôr em relevo a arte e os problemas humanos; quanto às excursões, elas tinham como meta os lugares artísticos. Renovou bastante as sessões, solicitando de bom grado o auxílio de especialistas, abrindo bons espaços aos problemas humanos, aos documentos do Concílio, à espiritualidade marista, criando o costume de uma peregrinação a l’Hermitage, para levar os Irmãos a se dessedentarem nas fontes.

⁶*Queimar a Vida*, p. 90.

⁷Sobre as colinas próximas de Roma.

⁸*Queimar a Vida*, p. 91.

⁹Todas essas citações estão na mesma página 20 do livro *Basílio, outro Champagnat*.

Muitos documentos de 1967 dão prova de que a escolha de Basílio como Superior-Geral foi devida às suas grandes qualidades intelectuais, à sua personalidade tão rica e tão sólida espiritualmente e à experiência internacional que adquiriu com sua passagem pelo Movimento do Mundo Melhor. Provará isso com seus escritos que muito em breve estarão nas mãos de muitos na Igreja, e com as iniciativas que hoje o Instituto vive. É-lhe conferido o título de *Doctor Honoris Causa*, pedem-lhe conferências nas Universidades. Em 1985 o Irmão Basílio é solicitado pelos Irmãos da Espanha para ajudá-los a se situar diante da nova lei sobre a educação, a lei LODE. Juntos redigirão um documento-guia e, depois, nos dias 25, 26 e 27 de março, pronunciará uma série de conferências sobre o tema da educação, na Pontifícia Universidade de Salamanca. Expressa-se o seguinte juízo a respeito dessas conferências: “As reflexões sobre a pessoa do educador, seu ambiente socioeconômico, suas fraquezas e aspirações foram tratadas com profundidade, assim como os valores a serem propostos e desenvolvidos no quadro escolar”.¹⁰

É solicitado por muitas Congregações para retiros, conferências ou para ajudar em Capítulos Gerais. O Vaticano chama-o como auditor no Sínodo sobre a Família, em 1980, depois nomeia-o consultor para a Congregação dos Religiosos, em 1995. Nossa própria Congregação o convoca quando se trata, em 1990, de assegurar o programa de formação dos futuros formadores. Ao retornar ao México, será um dos membros importantes do grupo EPSIMO, formado de médicos, teólogos, católicos e protestantes, psicólogos e sociólogos. Esse grupo se propõe a tarefa de olhar o mundo para propor-lhe respostas cristãs. Esses são os fatos mais salientes de uma vida. São eloqüentes sobre as capacidades intelectuais de Basílio.

2.2. As testemunhas

Muitos de nós tiveram a oportunidade de ter contatos diretos com Basílio e de ler suas circulares. Outros, porém, lhe foram mais próximos, familiares no trabalho e na amizade; é a estes que vamos deixar a palavra.

Devido aos seus dons intelectuais, mas também de sua têmpera cristã, ele atrai a atenção de seus professores de Universidade. Dois deles se apegarão a ele – o

¹⁰ *Queimar a Vida*, p. 252.

Dr. Osvaldo Robles e Fernando Sodi Pallares – e tudo farão para transmitir-lhe seus conhecimentos e sua sabedoria. Basílio sempre soube tirar proveito das pessoas de valor que encontra em seu caminho. Com elas preparou sua tese de mestrado em Filosofia *Ser e Valor*.¹¹ O Irmão Gabriel Rodríguez,¹² seu Conselheiro, o julga assim: “É um homem que vai ao fundo dos problemas e os coloca sob a luz da fé e do amor às almas. Tem o dom de criar o espírito de família, de grupo, de equipe e de encaminhar todo o mundo para o Senhor. Estimula os outros dinamizando-lhes as riquezas espirituais”.¹³ O Irmão Antônio Kuntz, missionário na África Central, vê em Basílio um homem cuja inteligência e coração trabalham de pleno acordo: “Minha impressão é de que temos um Superior de grande inteligência; isso é muito bom, mas saberá também governar com grande coração, o que é muito melhor e digno de ser apreciado”.¹⁴ O Irmão Santiago Erro,¹⁵ Superior da Província Norte, da Espanha, confirma essa apreciação e também as precedentes: “O Irmão Basílio Rueda é um homem clarividente que sabe orientar com segurança, religioso exemplar, apóstolo infatigável, apaixonado pela Igreja e pelo que é marista. É o timoneiro que Deus pôs em nosso navio e podemos navegar tranquilos”.¹⁶ O Irmão Paulo Sester, Conselheiro e depois Secretário-Geral, envia, por ocasião da morte do Irmão Basílio, um testemunho muito rico de um homem que conviveu com Basílio no dia-a-dia: “Com a morte do Irmão Basílio Rueda, desaparece uma figura marcante, uma personalidade de estatura acima da média, cujo destaque não é o resultado da longa duração de 18 anos de superiorado, mas o fruto de uma riqueza pessoal fora do comum”.¹⁷ Possuímos também o sentimento de um membro do EPSIMO, o Padre Francisco Migoya, S. J., a respeito do modo como o Irmão Basílio trabalhava nesse grupo: “Eu mesmo era membro do grupo EPSIMO, que contava com médicos, psicólogos, teólogos... e cuja finalidade era estudar os problemas do mundo de hoje e as respostas que a fé poderia sugerir. Quando Basílio expunha suas pesquisas, ia até o fundo dos problemas: era um perito. Às vezes enquadrava a questão de tal

¹¹ *Queimar a Vida*, pp. 75 e 76.

¹² Esse Irmão mexicano pertencia à equipe de Basílio quando este era diretor do juvenato. Ele fala com experiência.

¹³ *Norte Marista*, outubro – novembro de 1967, p. 1190 e *Orientações*, outubro de 1967, p. 524 (*Orientações* é a revista da Província de Leão, Espanha).

¹⁴ *Orientações*, outubro de 1967, p. 523.

¹⁵ No Escorial, fora por breve tempo, seu imediato.

¹⁶ *Orientações*, outubro de 1967, p. 521.

¹⁷ *FMS-Mensagem*, n.º 19, pp. 29-31

sorte que ficávamos todos surpresos e admirados. Por outro lado, quando a solução não lhe parecia evidente, permanecia muito aberto. Outras vezes traçava as grandes pistas e deixava que os membros tomassem o próprio caminho. Vocês têm em Basílio um homem fora do comum; sua vida foi enriquecida por toda a história dramática da Igreja e do mundo após o Concílio. Deveríeis confiar a composição de sua biografia a um homem muito competente para que valorize esses aspectos. Basílio é uma boa testemunha da segunda metade do século XX; além disso, há seus escritos que são tão ricos”.¹⁸ O Irmão Xavier García Terradillos,¹⁹ Conselheiro-Geral durante o segundo mandato, descreve-o assim: “Sabe harmonizar perfeitamente uma grande capacidade de síntese dos acontecimentos com a atenção aos detalhes, algo pouco freqüente..., sonho e relativização com raro equilíbrio”.²⁰ O Irmão Pedro García González, por ocasião do XVIII Capítulo Geral de 1985, entrevistou 28 Capitulares solicitando-lhes a opinião sobre o homem que permaneceu 18 anos à testa da Congregação. Bom número “o consideram “pessoa muito inteligente e profunda, com grande visão do futuro e enorme capacidade para compreender as situações e os problemas. Dinâmico, extraordinariamente dinâmico”.²¹ Para o Irmão Alain Delorme, que acabava de ser nomeado Conselheiro-Geral durante esse Capítulo, “Basílio deixou a imagem de um homem de vanguarda que soube utilizar métodos modernos para conhecer o Instituto... É homem de personalidade extraordinária que não se pode descrever facilmente. Viveu tão-somente para o Instituto ao qual deu sua inteligência e seu coração”.²² O Irmão Powel Prieur, Conselheiro-Geral com Basílio e também com Charles Howard, oferece-nos uma imagem muito rara: “Ele o vê sempre trabalhando, mesmo durante os Conselhos, sem que isso o impeça de acompanhar detalhadamente o desenrolar da discussão. Isso era devido às suas grandes faculdades e a seu imenso interesse por tudo o que acontecia no Instituto”.¹⁸ O Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Irmão José Otão, justifica assim o título de *Doctor Honoris Causa* concedido ao Irmão Basílio:

¹⁸ Testemunho de Francisco Migoya, S. J., escrito em Roma, em 31 de dezembro de 2002.

¹⁹ Segundo o Padre Amador Menudo, o Irmão Terradillos era o Conselheiro-Geral que mais consultava: possuíam em comum a mesma lucidez e a mesma vibração de alma.

²⁰ *Madrid Marista*: Ao Ir. Basílio Rueda, 1985, ou 1986, pp. 19, 22. Trata-se de um número especial da revista, editado por ocasião do fim do superiorado de Basílio, em 1985.

²¹ *Madrid Marista*: Ao Ir. Basílio Rueda, p. 19.

²² *Madrid Marista*: Ao Ir. Basílio Rueda, pp. 20, 22.

²³ *Madrid Marista*: Ao Ir. Basílio Rueda, p. 20.

“Dotado de grande capacidade intelectual, Vossa Excelência tornou-se um líder, graças às suas idéias claras, à força de seu pensamento, à sua capacidade de convencer, à sua simpatia, às suas pesquisas pessoais, ao seu trabalho em equipe... Às qualidades pessoais eminentes, acrescenta-se... notável preparação no domínio da Sociologia, da Psicologia e da Espiritualidade Marista que lhe permite, em alguns minutos, dominar uma situação, compreender um problema e encontrar uma resposta em face da realidade que se apresenta, empregando um método rigorosamente científico...”¹⁹

O livro *Queimar a Vida* descreve a atenção que ele sabia suscitar por ocasião de suas palestras: “Em seu auditório adivinhavam-se as emoções coletivas, os silêncios pesados, a atenção suspensa por um fio, a descontração, a hilaridade, assim como a reflexão profunda.”²⁵

“Escutar suas conferências era para mim desfrutar de sua amenidade e enriquecer-me com suas idéias aplicáveis a nossas situações concretas e atuais.”

“Sua palavra abriu portas, limou asperezas, criou comunhão, quebrou desconfianças. Nele acreditava-se e depositava-se toda a confiança porque estava acima das ideologias e do sectarismo. Antes de tudo, a verdade.”

“Suas palestras iam diretas ao problema, e ele abordava as questões do ponto de vista científico para esclarecê-las, depois, à luz do Evangelho e atualizá-las com os textos do Vaticano II. Suas conferências, fruto de longos estudos e de cuidadosa elaboração, tinham a profundidade da experiência vivida, o frescor de sua palavra fácil e fluente e a disponibilidade ao diálogo amigável, franco e aberto.”

“O que me impressionava era a clareza e o charme de sua exposição, a profundidade do pensamento e suas insistências que sublinhavam seus princípios indiscutíveis. Era um orador agradável e incisivo. Homem de Deus que partilhava sua mensagem com coração totalmente evangélico, impregnado de veneração pelo que era marista. Espalhava uma simpatia imensa. Suas exposições eram sólidas, agradáveis, bem estruturadas, atraentes. Permitia sempre ser interrogado sobre o assunto exposto. O charme de suas piadas e seu aspecto mexicano espontâneo repousavam a assembléia.”²⁶

²⁴ *Queimar a Vida*, pp. 220-221.

²⁵ *Queimar a Vida*, pp. 216-219. As citações a seguir também foram tiradas dessas páginas.

²⁶ *Queimar a Vida*, p. 219.

É preciso dizê-lo, Basílio sempre foi apreciado, primeiro por seus alunos, no CUM (Centro Universitário Marista) e nos Cursilhos de Cristandade, e depois pelos homens de Igreja: bispos, sacerdotes, religiosos, quando era responsável pelo Movimento do Mundo Melhor no Equador. Diretor do Segundo Noviciado, os Irmãos das diversas sessões o elevam às nuvens. Superior-Geral notabiliza-se pelos escritos e é solicitado por muitas Congregações para retiros, conferências, entrevistas. Isso explica a abundância de testemunhos. Mas deve-se falar de inteligência ou de inteligências, porque há muitas facetas nesse *homem fora de série*, como o visualizava o Irmão Demétrio Alzaga.²⁷ Realmente a inteligência impregna todo o homem e tudo o que faz.

2.3. Um homem fora de série: as facetas de sua inteligência

Habitualmente era uma alegria escutar Basílio e é uma alegria ler suas Circulares. Donde provém essa alegria?

Da evidência de se estar em comunhão com **um homem inteligente e lúcido**, que gosta do jogo de idéias, as modela de **entusiasmo** e se inspira em **rica bagagem cultural**. Sua compreensão profunda e matizada das pessoas, das situações, das mentalidades e dos problemas se deixa sempre iluminar pela luz que vem de uma densa intimidade com Deus. **É uma inteligência auxiliada pela fé e a favor da fé**. Um dos seus ouvintes nos deixa este testemunho: “Suas palestras eram ilustradas por citações variadas que revelavam seu vasto saber, suas leituras e o contacto com a produção cultural moderna. Unia ciência e experiência, doutrina e conhecimento direto dos problemas, saber teológico e compreensão das profundezas do homem: uma síntese valiosa e rara”.²⁸ Nesse domínio em que a inteligência se liga à fé, deve-se também lembrar que Basílio era dotado de **inteligência profética e mística**. Familiarizado com Deus, podia falar dele e daquilo que se vive com ele, e o fará com uma acuidade digna dos maiores doutores e dos maiores místicos da Igreja. E esse Deus que ele ama também lhe empresta seu olhar para antever e guardar a confiança e o entusiasmo nesse período difícil para a Igreja e a sociedade. Certos trechos propostos no final de capítulos estão nesse sentido. O título do livro *Quero despertar a aurora* convida a compreender que Basílio fará todo o possível para dar

²⁷ *Madrid Marista* Ao Ir. Basílio, p. 15.

²⁸ *Queimar a Vida*, p. 218.

nascimento a outra maneira de viver a vida religiosa, mais inspirada no Evangelho. Para isso ele precisa de **uma inteligência de pioneiro**. Mas aurora também é sinal de espera, de esperança. **A inteligência de Basílio alimentava-se de esperança**. Hoje a Congregação tem certo estilo e estruturas que Basílio tinha desejado, descrito, cuja necessidade sentia, mas cuja realização requeria tempo. Eis algumas de suas idéias que se tornaram realidades:

- O B.I.S (Birô Internacional de Solidariedade)
- O patrimônio marista. Foi sob Basílio que começaram os períodos de formação chamados “Anos Champagnat”.
- O convite aos Capitulares para que fizessem uma experiência de pobres antes de ir ao Capítulo para que o coração estivesse esclarecido e simpatizante quando se tratasse de decidir em favor dos pobres.
- L’Hermitage como santuário marista onde os Irmãos pudessem, em qualquer idade, retemperar sua identidade e seu coração.
- A refundação ou a renovação solicitada pelo Concílio Vaticano II: o título dado à primeira Circular é significativo: *2 de janeiro de 1968*. No *Projeto Comunitário* convida todos a *refazerem o noviciado*²⁹ e a permanecerem *numa formação contínua*, expressão que ainda não estava na moda.
- A necessidade de uma formação mais “puxada” para os jovens Irmãos. Para a África e a Ásia isso se concretizará na criação do M.I.C. e do M.A.P.A.C, no governo do Ir. Charles Howard. (Sem isso chega-se a um “suicídio do Instituto”, dizia Basílio.³⁰)
- Rezar com as Constituições.³¹
- A Espiritualidade Apostólica Marista.³² Todas as suas reflexões sobre a oração unem fortemente oração e vida...

A rica bagagem cultural que possui e sua experiência humana excepcional permitem-lhe lançar o olhar para o futuro e anunciá-lo com precisão. Já nessa Circular de *2 de janeiro de 1968* previa uma influência mais considerável da China e do Terceiro Mundo no cenário político, cada qual trazendo suas escolhas ideológicas e seus problemas, a flexibilidade do regime capitalista e do regime soviético, a globalização do comércio e da cultura, ensejando um fenômeno de associação progressiva em face do peso do Estado, a formação das grandes

²⁹ *Projeto Comunitário*, p. 7.

³⁰ Circular de *2 de janeiro de 1968*, p. 652.

³¹ Circ. *Entretenimento sobre a oração*, pp. 534-535.

³² Terceira conferência feita aos Capitulares do XVIII Capítulo, em 1985.

solidariedades econômicas e políticas, um bem amplo movimento migratório, grandes espaços missionários para a Igreja com continentes inteiros abrindo-se a ela e, na Igreja, o tempo do laicato. Na vertente das pessoas, Basílio anunciava uma série de aspirações: a uma vida mais pessoal e autêntica, a espaços de intimidade que sejam consciência, equilíbrio, segurança e auto-afirmação, ao reencontro das pessoas estabelecendo com elas relações humanas mais autênticas, aspiração à humanização das estruturas e dos serviços sociais, a uma sadia igualdade de chances, de possibilidades, de disponibilidade, aspiração à segurança do futuro: trabalho suficiente e que não prejudique a coesão da família...³³ Considerando isso trinta e cinco anos depois, constatamos quanto essa visão se realizou em grande parte ou ainda permanece sonho no dia de hoje.

É com razão que muitos reconhecem em Basílio uma visão clara que criava segurança porque era aceita como justa.

Basílio tem o **dom da análise e da síntese**. Quando, em sua primeira Circular, se debruça sobre tudo o que aconteceu na primeira sessão do Capítulo Geral de 1967, vê as diversas peças que se encaixam, as diversas culturas, influências e tomadas de posição. No retiro que pregou em Logroño, em 1972,³⁴ debruça-se sobre o tema da renovação e apresenta tão bem sua complexidade, os diversos grupos e suas reações possíveis, os caminhos, as ciladas, os meios... que toda a sua reflexão faz pensar na visão da Via Láctea, com sua fluorescência e suas vênulas, na limpidez de uma noite desanuviada.

Joga facilmente com as oposições, analisa os elementos de cada posição, de cada teoria, de cada situação, e depois indica os elementos positivos de cada lado e como poderiam combinar-se. Descreve os inconvenientes que haveria em se dar atenção apenas a uma parte. Outros notam nele a **inteligência do equilíbrio**. É o que afirma o Irmão Maurice Bergeret, então Provincial de l'Hermitage: "Ele soube evitar dois escolhos extremamente perigosos: seguir uma linha excessivamente conservadora, que poderia ter levado a atitudes de tipo integrista em certos setores do Instituto, e o de perder o controle perante uma abertura que teria permitido experiências que conduziriam à ruptura ou à degradação espiritual de nossa Congregação".³⁵

³³ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 175-178.

³⁴ Há 10 fascículos das conferências desse retiro. Têm um título comum de *Chamamento à Renovação* e um subtítulo para cada conferência. Foram editadas de setembro de 1972 a junho de 1973.

³⁵ *O estilo de uma Vida*, p. 31.

Basílio capta o coração e as nuances de uma corrente de idéias e **nessa clareza de visão dir-se-ia que ele se deleita, que faz malabarismos..** Eis, por exemplo, como ele enumera os traços da demagogia:

- *manifesta-se pela falta de objetividade,*
- *pelo emprego de meios sensacionais,*
- *ela desorienta,*
- *cria problemas e não dá nenhuma solução,*
- *estabelece penosa defasagem entre o questionamento e a colaboração criadora, priorizando nitidamente aquela sobre esta,*
- *não é raro que, para curar um mal, ela crie outro maior.*³⁶

Essas oposições podem expressar tanto o **entusiasmo** para dinamizar o auditório, como a frieza na análise das enquetes e na enumeração dos pontos fracos ou fortes; nessas análises deixa a impressão de fazer um trabalho de sábio em que não há lugar para sentimentos: “Visarei, portanto, à objetividade e à imparcialidade, com o cuidado de ser construtivo”,³⁷ escrevia aos Irmãos Capitulares e a todo o Instituto no período entre as sessões do Capítulo de 1967. Algumas páginas adiante, acrescenta: “Precisamente este estudo me leva e me perguntar se, para futuros Capítulos, não haveria necessidade de completar as notas pessoais dos Irmãos com pesquisas científicas e sociológicas, com transcrições sobre cartões perfurados, possibilitando avaliar os múltiplos aspectos da vida dos Irmãos e das comunidades”.³⁸ Sabe muito bem que os princípios científicos devem ser respeitados. “Não se voa sem obedecer às leis da aeronáutica”, diz aos Irmãos Provinciais reunidos para a I Conferência Geral de 1971.³⁹ E quando deve recordar os pontos fracos, ele o faz, às vezes, com **uma pontinha de ironia**, a que convém num grupo de amigos.

Inteligência, como **dom de natureza**, e cultura, como **aquisição de seu esforço**. Afirma que, durante seus estudos, acontecia-lhe passar a noite com sua máquina de escrever, desde a *Salve-Rainha* da tarde até a da manhã. Inteligência e cultura possibilitaram-lhe **grande adaptabilidade**. Nos retiros que orientou na Espanha em 1972, mudava os assuntos conforme as necessidades dos Irmãos de

³⁶ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 73.

³⁷ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 42.

³⁸ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 46.

³⁹ Conferência de encerramento do Reverendíssimo Irmão, p. 439, vol. XXV das Circulares (depois da *Meditação em Voz Alta*).

cada Província, embora houvesse um arcabouço central comum. Na Província Norte⁴⁰ aprofundou os temas da oração, da vida apostólica, do amor, fonte de paz, como coração da vida comunitária, da virgindade consagrada, da renovação solicitada pela Igreja, do profetismo, da confissão, da Virgem Maria na vida do Irmão Marista, da natureza da obediência, da formação do religioso marista. No mês seguinte, na Província de Bética,⁴¹ suas conferências centraram-se no novo mandamento do amor, nos responsáveis pelo Concílio, no rejuvenescimento do Instituto, na paz como resposta, na virgindade consagrada, no verdadeiro sacramento da penitência, na vida comunitária, na vocação, na pobreza. Pôde assim proceder porque fez preceder seus encontros de uma enquete sociológica e religiosa que lhe permitiu conhecer as situações particulares. E essa pesquisa foi trabalhada por uma equipe de sacerdotes e de Irmãos que ele dirigiu e que empregaram duas semanas de trabalho, num ritmo de 10 a 12 horas diárias, para chegar a respostas teológicas unificadas.⁴² Essa pesquisa foi enviada pelo trem noturno a Barcelona, para ser trabalhada pela IBM e retornar na noite seguinte. Isso lhe permitiu oferecer respostas matizadas e exaustivas, enquanto, nesses dias de retiro, ia recebendo em entrevista quase todos os Irmãos, muitas vezes centenas, podendo oferecer-lhes uma direção espiritual iluminada por todo esse esforço. Não nos admiremos, então, que solicitasse entrevistas com os Irmãos, até de madrugada. Com efeito, nesse trabalho, entrelaçam-se **inteligência, cultura, pesquisa, trabalho persistente de uma equipe de especialistas, e experiência humana** que vai se enriquecendo a cada entrevista, com os problemas reais e cotidianos que os Irmãos vivem. É certo que Basílio domina a **teoria**, mas é **a vida, a experiência pessoal e dos Irmãos** que o instruem e o renovam. Essa adaptabilidade se nota, por exemplo, nas visitas anuais que fazia aos “segundos noviços” do Escorial.⁴³ Cada vez o assunto de reflexão era diferente ou, se, por acaso, houvesse coisas em comum, era sempre com grande liberdade de nuanças e de argumentos.

Podemos afirmar que a inteligência de Basílio não é primeiramente especulativa, de gabinete, mas é uma **inteligência de contatos, de encarnação, de inculturação, de proximidade, de vivência**. Ele interioriza o problema, o grupo, o mundo que é analisado ou o Irmão que acolhe. Em seu ato de

⁴⁰ Ver as 10 plaquetas *Chamamento à Renovação*, de 1972-1973, da Província Norte, da Espanha.

⁴¹ A revista *Bética Marista* editou as conferências desse retiro nos números de outubro de 1972 a abril de 1973.

⁴² *Chamamento à Renovação*, p. 1, setembro de 1972, Província Norte, da Espanha.

⁴³ Muitas anotações encontram-se na Biblioteca do Escorial.

inteligência existe ao mesmo tempo **simpatia e distância**. A simpatia lhe permite ver os aspectos positivos; a distância, os pontos fracos, os perigos possíveis. Assim, quando considera o mundo em que vive, mundo de grandes mudanças e, para ele, uma das mais importantes viradas da História, vê as chances extraordinárias que a ciência e a tecnologia criam para a sociedade e para a evangelização, mas sublinha também quanto o pluralismo, o ateísmo prático, o materialismo, a tolerância próxima da indiferença, penetram todo o tecido social e cultural, e como os próprios valores de base são postos em discussão. Pressente o abalo interior que podem sentir os religiosos, mesmo os mais sólidos, e procura os comportamentos inteligentes perante este mundo e esta sociedade que precisam de outras palavras e de outros modelos.⁴⁴ Afirma que gosta de encarar as coisas de frente, ser realista, realizar um trabalho intelectual honesto.

Muitos lhe reconhecem também uma **inteligência que irradia entusiasmo**. Não só ela projeta luz sobre os problemas, como também põe as pessoas em movimento: é uma inteligência que visa a conquistar os corações, fazer apóstolos. Patxi Loidi afirma com razão que Basílio, como Superior-Geral, irradia entusiasmo, e algumas de suas intervenções, mais precisamente *A meditação em voz alta*, despertavam nos espíritos muitas expectativas.⁴⁵

Seu **pensamento habitualmente é amplo e suas frases**, generosas. O Irmão Victorino de Arce, ao receber a última carta de Basílio, nota: “Era teu estilo, tua frase ampla e generosa, tuas repetições contínuas, desejosas de completar, de ponderar, de aperfeiçoar a idéia que jorrava de teu espírito”.⁴⁶ Mas acontece-lhe também encerrar um parágrafo em forma de **máxima, em que a concisão funde juntamente verdade, clareza, surpresa, força**. Eis algumas de uma produção abundante:

– “Não se mudam os corações com frases”.⁴⁷

– “Uma liberdade só se torna criadora e fecunda quando implantada em maturidade ao mesmo tempo humana e sobrenatural”.⁴⁸

⁴⁴ Cf. *Chamamento à Renovação*, 5, p.4, fevereiro de 1973, Província Norte, da Espanha.

⁴⁵ *O Estilo de uma vida*, p. 30.

⁴⁶ Testemunho que chegou a 17 de fevereiro de 2003.

⁴⁷ *A Contemplação a partir da Ação*, pp. 6-7.

⁴⁸ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 56.

– “O homem maduro é aquele que assume o que acredita, e acredita no que assume. No meio das impurezas do real, ele vive constantemente o rejuvenescimento de seu ideal”.⁴⁹

– “Um educador, quando pára de atualizar-se, pára também, pelo fato mesmo, de ser educador. Pode ser um bom didata, mas perdendo o contato com a geração jovem, cuja base é o diálogo, perde sua influência e, em consequência, a capacidade de formar”.⁵⁰

– “O caminho da deslealdade e da incoseqüência não preparam para nenhuma vocação, nem mesmo para a mais fundamental que é a de viver”.

– “Não basta falar de Deus aos homens; é necessário, antes, falar dos homens a Deus, para que a palavra seja acolhida”.⁵¹

– “Não há papel mais triste que o de um superior bancando o polícia. Não há atitudes mais pueris e mais prejudiciais a um candidato que jogar de esconde-esconde, levando vida dúplice: isso equivale a cultivar a vulgaridade moral, a leviandade e a imaturidade psíquica”.⁵²

– “A humildade exige um acordo entre a pessoa e a personagem: o que parece deve corresponder ao que é”.⁵³

– “Não pertencemos a uma casta pré-santificada”.⁵⁴

Nesse esforço puramente intelectual, **emergem constantemente seus princípios e sua espiritualidade.** Apesar de expressos com muita inteligência, **são frutos da vivência, de sua intimidade com Deus.** Por trás de suas afirmações de ordem espiritual, descobrimos, não momentos de emoção, flashes intuitivos dos mais altos valores religiosos, mas **um viver, uma longa**

⁴⁹ Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 503.

⁵⁰ Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 493.

⁵¹ Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 600.

⁵² Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, pp. 512 e 514.

⁵³ Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 619.

⁵⁴ Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 644.

experiência, um homem que já apostou totalmente em Deus. **Sua inteligência é evangelizada** e esclarecida por Aquele que o coração ama.

Outra nuance se acrescenta a essa inteligência: ela é sempre **respeitosa** das pessoas e dos pensamentos. É que ele facilmente **entra no caso dos outros e reconhece** seus trunfos válidos. **Sabe ser simpático**. Por isso, **nunca condena**, antes acompanha o pensamento do outro e, após ter caminhado com ele, mostra-lhe as limitações, como também revela o que há de válido numa proposta contrária. Na companhia de Basílio, não nos sentimos rejeitados, mas, pelo contrário, aceitos, compreendidos e completados. **Há muito de humano na inteligência desse homem. Ele não gosta de ironia**; bom humor, sim, mas a ironia que machuca, não; ou melhor, sabe até onde pode ir e sabe que por vezes é preciso ser claro e decisivo.

Basílio demonstra também **inteligência forte**. Ousa dizer com clareza os pontos fracos, as ciladas de um pensamento que parece exato; **não gosta de máscaras e obriga a uma honestidade tanto intelectual quanto moral**. De novembro de 1967 a agosto de 1968, a Congregação encontrava-se no período entre as sessões do Capítulo Geral Especial e durante esse tempo os Irmãos deviam assimilar o trabalho realizado na primeira sessão, setembro – outubro de 1967, e elaborar sugestões para a segunda sessão, setembro – novembro de 1968. Basílio indica aos Irmãos os escolhos a evitar e as fontes de inspiração:⁵⁵

Escolhos a evitar

Fontes de inspiração

A demagogia
 O conflito das gerações e das mentalidades
 O revisionismo
 O reformismo verbal

A Sagrada Escritura
 O Concílio
 O Fundador
 A Teologia atual
 A pesquisa sociológica
 Consulta a especialistas

Sugere fazer esforços para privar-se do fumo, de licores, de aparelhos fotográficos pouco úteis... e prevê que alguns irão rir-se: “Fantasias! – dirão alguns – é possível; mas dessas fantasias não me envergonho”.⁵⁶ E adverte que

⁵⁵ Circ. de 2 de janeiro de 1968.

⁵⁶ Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 141.

não é sobre ele que se deve contar para assinar concessões injustificáveis: “Sou absolutamente contrário a que o Capítulo o faça”.⁵⁷ **Franqueza e lucidez** indo juntas, abrem-se sobre a profundidade: “Confessemos que não estamos acostumados a examinar os problemas com profundidade. Nosso tipo de vida, por mais paradoxal que pareça, nos mergulha numa tarefa em que tudo é reduzido ao cotidiano e àquilo que aparentemente não é transcendente; risca de nos afundar na rotina ou antes a deslizar na superfície do real; quando, porém, essa humilde tarefa requer profunda visão antropológica, engajamento no futuro histórico e convicção que nossas mãos formam ou deformam o tipo de homem, a sociedade e as estruturas de amanhã”.⁵⁸ Relembremos a coragem que demonstrou ao indicar aos Irmãos do Canadá⁵⁹ o risco do aburguesamento a que poderia levá-los a sociedade ambiente; aos Irmãos da Suíça, que o estilo de suas comunidades não criava, para os jovens, as condições de perseverança; e aos Irmãos do Zaire-Ruanda, que havia muito a fazer para a verdadeira unidade nas comunidades...⁶⁰ Aos Irmãos Provinciais, reunidos para a primeira Conferência Geral de 1971, não tem receio de dizer: “Creio que todos estamos conscientes de que – sem má- vontade e talvez sem que haja de nossa parte falta de virtude – nossa pobreza, em muitos pontos, é uma farsa”.⁶¹

Sente-se um homem clarividente quanto às idéias, pessoas, situações e, em primeiro lugar, quanto ao cargo que assumiu. Sua reflexão, porém, nunca é puro tinido intelectual; seu olhar penetra no âmago dos problemas e das realidades e permanece pragmático e prático. Quer ser objetivo e imparcial. **Nós vivemos hoje, de maneira tranqüila e cotidiana, muitas de suas sugestões de 1968.** Eis seu pensamento sobre nossas comunidades: “Ao lado das comunidades que constituem manifestação social de fervor, testemunho e dinamismo apostólico, capazes de se servir da liberdade para alcançar fórmulas de contínua superação coletiva, há outras que, infelizmente, são centros de mediocridade: a liberdade as conduz somente à comodidade, e até aos abusos”.⁶² Notemos que sua preferência é pelas comunidades generosas, dedicando-lhes duas linhas e meia, ao passo que às comunidades medíocres dedica apenas uma. Basílio demonstra

⁵⁷ Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 138.

⁵⁸ Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 158.

⁵⁹ Há 13 plaquetas com o título *Apelo à Superação*, que relatam o retiro de 1970.

⁶⁰ Tudo isso foi dito na parte precedente: Basílio, homem de Deus.

⁶¹ Conferência de encerramento do Rev. Irmão na Conferência Geral de 1971, Volume XXV das Circulares, p. 449.

⁶² Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 57.

⁶³ Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 57.

bom-senso, sabedoria e coragem ao afirmar: “Quando o tipo de vida encobre não só um ato de fraqueza, do qual se é consciente, mas uma mentalidade, então o fenômeno é mais perigoso porque a comunidade é vítima de um mal que ela não sente mais”.⁶³

Em contacto com a inteligência de Basílio não somente nos deliciamos, mas também nos enriquecemos com as qualidades dessa inteligência e das riquezas dessa pessoa.

A inteligência do Irmão Basílio, com as nuances que encontramos, foi freqüentemente reconhecida pelo público. Tinha o condão de captar o problema, desarmar-lhe o mecanismo; depois sabia balizar o caminho a tomar; ao diagnóstico seguro seguia a receita correspondente. Deixamos um último *flash* ao Irmão Cláudio Girardi: “Era um homem que não tolerava a mediocridade... Basílio era um intelectual honesto: nenhuma meia-verdade. Se ele não sabia, informava-se por todos os meios. Qualquer que fosse o assunto de seu interesse... aprofundava-o. Era um pesquisador. Devorava livros e, com a boa memória que possuía, podia facilmente citá-los”.⁶⁴

Eis algumas páginas *in extenso*, entre as primeiras que escreveu na Circular 2 de janeiro de 1968.⁶⁵ (Temos um Superior-Geral jovem – tem apenas 42 anos – que oferece um trabalho extremamente abundante durante esse período do Capítulo Especial: setembro de 1967 a novembro de 1968. Entre essas duas extensas sessões do Capítulo, de que é o motor principal, vai ao Brasil, visita todas as missões da África e de Madagascar, depois as da Oceania, entrevista mais de um milhão de Irmãos, adapta-se às circunstâncias, climas, pessoas as mais diferentes e redige essa Circular em cinco partes de 657 páginas, uma das mais ricas que escreveu.) Ela merece ser lida, melhor, deve ser meditada; guarda toda a sua força de impacto; apresenta visualizações mais atuais hoje do que ontem. Em suas partes “*Os apelos do mundo*”, “*Os apelos da Igreja*” e “*Os apelos do Fundador*”, ela baliza o futuro melhor do que qualquer outra Circular sucessiva. Permanece como um dos vértices do pensamento de Basílio.

⁶⁴ Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

⁶⁵ Essa circular é composta de cinco partes, sendo que as três últimas são as mais importantes: Os apelos do mundo; Os apelos da Igreja; Os apelos do Fundador.

TEXTOS

1. O binômio espiritualidade - psicologismo

Julguem vocês mesmos se o que é afirmado da inteligência de Basílio não é o reflexo do que se sente ao ler estas páginas. Ele analisa dois grupos de Irmãos Capitulares: os que são de preferência pela Espiritualidade e os que se inclinam pela Psicologia.

“Seja, como diriam os professores de Matemática, o *binômio espiritualidade – psicologismo*. Trata-se de dois grupos muito distintos que, tudo bem considerado, não se opõem, mas se implicam e se completam. Entretanto, na realidade, os ângulos de apresentação não permitem que essas idéias se encaixem uma na outra.

Cada uma dessas duas atitudes que analisaremos tinha seus valores e suas deficiências ao mesmo tempo. E isso sob diversos aspectos. Tinham muita razão os que lembravam a urgente necessidade de levar em consideração os aspectos psicológicos da pessoa humana e de suas necessidades no quadro da vida religiosa: consciência do valor pessoal, reconhecimento desse valor, sucesso nos empreendimentos, necessidade de ser feliz, de ser útil, necessidade de amizade, de associação, necessidade de ser compreendido, de saber que se pode contar com os coirmãos, que se goza de sua confiança, necessidade, enfim, de encontrar o repouso necessário, de ver respeitada a própria personalidade e liberdade, de sentir-se membro de uma equipe de trabalho, e não simples peça nas mãos de um jogador de xadrez.

Estar atento a tudo isso é não só satisfazer os apetites humanos, difíceis de serem contentados – isso é o reverso da medalha – mas é assegurar as bases necessárias ao desabrochamento do religioso que exige equilíbrio e plenitude. É verdade que pode haver um desenvolvimento espiritual superior em pessoas tímidas, fracas, franzinas, mas não é comum e, ademais, não é um testemunho que atraia e conserve os jovens na Congregação.

Estar atento a tudo isso é, ainda, tornar possibilitar um testemunho alegre, fecundo e positivo aos olhos do mundo; é, enfim, tornar as almas mais livres de conflitos psicológicos para melhor servir o próximo no trabalho pessoal ou institucional.

‘No dia em que todos compreenderem – diz o padre Paulo José Hauffer – ⁶⁶ que as leis psicológicas bem desenvolvidas empenham a consciência moral, um grande progresso será possível’ (*Maturidade espiritual*, Circular 5, janeiro de 1958). Deve-se, portanto, inserir os dados psicológicos na mensagem evangélica, assim como se deve aceitar os aportes espiritualistas. Sem isso, arrisca-se fracassar. Do lado dos adeptos do espiritualismo, o que se sustenta com força é a prioridade não só qualitativa, mas vital do Evangelho sobre os valores humanos. Com relação a esse ponto, Nosso Senhor – nossa lei e nossa única escala de valores – é claro e categórico. Não só fala da superioridade do sobrenatural sobre o natural na parábola da pedra preciosa e do tesouro escondido no campo, como no encontro com o moço rico, mas, sob a forma oriental da metáfora, indicamos que devemos sacrificar o natural ao sobrenatural em caso de oposição inelutável. O caso limite e sempre válido como obrigação e supremo testemunho é o martírio. Fora disso, se há um grupo humano cujo sentido social seja apresentar ao mundo corajosa e alegremente a prioridade absoluta do espiritual na vida e na ação, é bem aquele dos religiosos, presença escatológica viva no mundo e na Igreja de hoje.

À luz dessa doutrina, merece ser compreendida e aplaudida, no Capítulo, uma atitude que está de acordo não apenas com a codificação canônica em vigor – hoje, aliás, em plena revisão – e com a tradição histórica da vida religiosa e da Congregação Marista, mas também com a própria mensagem e vida de Jesus, cuja imitação é nosso caminho de perfeição. ‘*Sabemos em quem depositamos nossa confiança*’ (2Tm 1,12).

É preciso, pois, que os argumentos ‘*psicológicos*’ sejam apresentados sem os defeitos assinalados acima e, quando forem apresentados nas aplicações concretas, que estejam de acordo com a autêntica adaptação conciliar, em vez de serem concessões à natureza.

É preciso também que os argumentos ‘*espiritualistas*’ estejam enquadrados num contexto evangélico, levando em conta valores que, ainda ontem, não criavam nenhum problema, seja porque não contradiziam uma mentalidade que não tinha o mesmo sentido da objetividade ou do comportamento social, seja porque alguns consagrados não tinham consciência ou não tinham tomado consciência da presença, neles, desses valores de que estamos falando.

⁶⁶ Superior-Geral dos Padres Maristas.

Hoje, com efeito, esses valores se manifestam e provocam reações ou mesmo revoluções, quando os jovens percebem que, sem fundamento, eles são desconhecidos, violados por comodidade, por negligência, por estereotipia mental das gerações que caminham sobre o declive da vida.

A realidade é que, sem uma atenção capaz de adaptar-se aos aspectos psíquicos da pessoa humana, muitos jovens (e menos jovens) cobrirão, sob formas externas de vida regular, uma série de elementos problemáticos que, cedo ou tarde, acabarão em vidas medíocres, com evasões camufladas, ou em vidas cheias de amarguras e de resignação, sob um verniz de fidelidade, ou até infelizmente, em vidas escandalosas. A consequência será que, de um lado, superiores e coirmãos sofrerão nas suas relações com esses homens e, de outro lado, o Instituto não será amado por eles, pois não se pode gostar de uma ambiência considerada – embora de modo totalmente subjetivo – fonte de frustração, de repressão, de complexos; e a ambiência assim criada desviará os corações nobres que, se não fora isso, teriam sentido atrativo e simpatia por uma congregação ou por um apostolado.

É também verdade que, se um aporte “psicológico” não for seriamente examinado, peneirado e transformado à luz do Evangelho, tornar-se-á, num outro sentido, e talvez mais agudo, fonte de equívocos ou de problemas para a vida religiosa. Porque, se não tomarmos cuidado, as grandes orientações do Evangelho serão transformadas em critérios naturalistas com que se conseguirá manter, durante determinado tempo, certa vida comunitária harmoniosa e colaboração humana, mas que nunca poderão manter as almas nessa alegre doação da vida no sentido de consagração que supõe o heróico esquecimento de si e o estado de constante disponibilidade para com Deus e os outros que confere à virgindade o aspecto alegre e positivo que o religioso deve manifestar perante o mundo.

O que se apresenta então ao mundo, sempre na melhor das hipóteses, é um modelo de estrutura humana, mas não o fruto do poder e da graça do Cristo que ultrapassa toda medida humana.

É ingenuidade pensar que, sem o amor da cruz de Cristo, sem a prática gradual, adequada e séria do ascetismo cristão, se possa conseguir os milagres morais de testemunho, de dedicação e de doação total que são os frutos da Igreja de Cristo. E, por sua vez, essa ascese não pode ser posta em prática e menos ainda imposta sem a profunda motivação de um grande espírito de fé. Lembremos que a vida de fé que, antes de tudo, é um dom, só se desenvolve e se

mantém por uma constante e suficiente alimentação.” (Circular de 2 de janeiro de 1968, pp. 50-55).

2. Estrutura - Liberdade

Refletindo sobre o binômio “*estrutura – liberdade*”, que se manifestara durante o Capítulo, escreve:

“Um grupo desejava manter intacta uma série de estruturas regulamentares ou legais. Outro grupo insistia sobre o direito à liberdade que nos vem não só da dignidade da natureza humana, mas também de nossa condição de resgatados pelo Cristo e de filhos de Deus. Ainda uma vez os dois grupos tinham razão.

Vejamos a atitude do primeiro. É evidente que a vida em comum não é possível sem um mínimo de estruturas; as que encerram e protegem valores fundamentais e capitais devem ser mantidas para proteger esses valores contra as vicissitudes da descentralização e contra o uso de uma liberdade que somente se torna criadora e fecunda quando estiver implantada numa maturidade ao mesmo tempo humana e sobrenatural.

É sofisma quando, diante dessa realidade, se invoca a liberdade ou a necessidade de dinamismo da comunidade. A liberdade de que fala S. Paulo é a liberdade dos filhos de Deus, fruto da graça e dom do Espírito Santo; ela se manifesta no estilo de vida e de ação que suscita. Quando, sob a miragem dessa palavra, surgem formas de vida não evangélicas, sobrenaturalmente raquíticas, é prova de que os ambientes que as fizeram nascer não estavam amadurecidos para a plenitude da liberdade...

Seria grave erro abandonar as estruturas de que se falou apenas por causa da flutuação desses movimentos do pessoal ou do pensamento contemporâneo, sobretudo quando se sabe que se essas estruturas forem demolidas, será impossível refazê-las. Meditemos o mistério da solidariedade humana, não só no espaço, mas também no tempo e dar-nos-emos conta da gravidade de uma resposta, de uma concessão, não somente no presente, mas também para o futuro. Tal é o dever da fidelidade a uma tradição no sentido vital e dinâmico: somos os herdeiros e como tais, responsáveis por um patrimônio que deve ser conservado, purificado e melhorado.

Quando falamos de carisma dinâmico do Fundador, pensamos numa corrente que não só se prolonga no tempo, mas também deve crescer em qualidade, tão pura e tão vital como seja a fonte...

Vamos agora ao segundo grupo. O que é verdadeiro em seu pensamento é que as estruturas para nada servem, se não forem vividas em liberdade. Um regulamento que, ao invés de servir deve ser servido, torna-se fator de irritação e desgaste das forças vivas até para as almas de boa-vontade.

Se o regulamento faz tudo, a comunidade perde o sentido de sua responsabilidade e se desintegra – por mais paradoxal que isso possa parecer – para tornar-se um agregado cuja coexistência é difícil. Agrupados no tempo e no espaço, cada um de seus membros vive sua vida, realiza seu trabalho particular, deixando os outros viver a própria tarefa e assumir as próprias responsabilidades. Ignoram-se na coexistência... O testemunho é o da isocronia, da cronogeografia através das quais adivinha-se o heroísmo de almas vitalmente unidas a Deus, mas o melhor delas não chega a transparecer, a entrar em circulação...

Evidentemente nada está escondido para Deus e tudo se torna fecundo no Corpo Místico. Mas se o regulamento e as diversas estruturas nos dispensam de comunicar os sentimentos mais profundos de nosso ser, então a vida comunitária não se alimenta em todas as suas dimensões e não atinge a intensidade e a fecundidade que se poderia ter esperado dela.

Tal vida religiosa, por mais meritória que seja, limita o testemunho de liberdade e de caridade. Sem sombra de dúvida, sua influência sobre os coirmãos é muito fraca, é incapaz de despertar nas novas gerações o entusiasmo pela causa do Cristo e a salvação das almas. Não é mais atual.

Além disso, pode-se perguntar, diante do Evangelho, se não foi vítima de deformação, de desgaste do tempo, e se o pó das estruturas não apagou insensivelmente dois fatores essenciais da vida evangélica: a obediência livre e alegre e a flexibilidade do amor. Pense-se na suprema liberdade de Cristo perante as numerosas observâncias judaicas e na sua dura ironia para com elas.

Mas então, dir-se-á, se todo o mundo tem razão, que resta a fazer? A resposta é indiscutível: purificação e síntese, e isso dentro dos limites de um realismo humano individual e social, porém de um realismo em plena tensão para a realização de um ideal.

Não se deve falar de grupos opostos, mas de grupos que procuram juntos uma forma de síntese mediante purificação e autocrítica de suas próprias atitudes e posições. A verdade e a justiça nunca se encontram na hipertrofia e na unilateralidade de um ponto de vista“. (Circular de 2 de janeiro de 1968, pp. 55-61).

3. Eis ainda algumas paginas do mesmo teor

“Sei muito bem que, em numerosos lugares do Instituto, esses esforços foram feitos e que, apesar disso, há grupos de Irmãos que ficam perturbados perante a obrigação diária da meditação, por exemplo.

Em face dessa falta de apetite, a supressão ou a diminuição nada resolvem, infelizmente, e somente a firmeza em manter a obrigação e o tempo como moldura vazia de seu conteúdo não é, também, uma solução suficiente.

Essa moldura deve ser mantida, mas sobretudo, sabendo que, em seu interior, não há uma pintura ou fotografia, e sim um ser vivo; é preciso, a partir dos sintomas, procurar chegar a um diagnóstico e a uma terapêutica... Se o diagnóstico de uma comunidade teve que classificar como especiosos (falsos) os argumentos dos Irmãos e que nos achamos diante de uma dúvida profunda ou de notável reticência para aceitar a idéia de um tempo prolongado para a oração e a cultura religiosa, podemos apostar que estamos diante de uma doença.

Com efeito, nenhum Irmão, ávido de cultura religiosa e que ressinta necessidade pessoal de oração, pode censurar uma estrutura que lhe garante a satisfação dessas duas necessidades, contra sua tendência à aceleração que não sabe poupar o motor, sua falta de método que só no fim da jornada consegue encontrar um tempo de respiração espiritual, ou até mesmo, embora mais raramente, contra um excesso de boa-vontade que não sabe se defender das solicitações abusivas de seu superior que lhe pede um trabalho suplementar a que nunca se recusa...

Quando a lei é o que deve ser: relação de meios realmente eficazes para realizar os fins almejados e escolhidos; quando esses meios se tornam mais dinâmicos por uma aptidão especial da lei – a lei do Cristo é uma lei de graça; quando foi a busca dos objetivos que reuniu os homens para uma vida e tarefa comuns, fazendo justamente nascer a comunidade; quando, enfim, se esteve, de um lado, na sabedoria para legislar, na prudência para governar e, do outro lado, no amor tanto da lei quanto da liberdade, então não há oposição entre lei, estrutura e comunidade.

Quando, ademais, se vive a liberdade não somente psíquica (nível adolescente), mas integral que, partindo da liberdade de escolha, se prolonga de forma coerente em liberdade de perfeição (realizar, aperfeiçoar o que se escolheu ser ou fazer) e sobretudo quando o amor levou a liberdade além da lei – não contra, mas acima – porque o amor realiza muito mais do que a lei pedia, então a obediência, a iniciativa e a liberdade não se opõem mais, mas tudo se completa e conclui reciprocamente: a estrutura encarna a lei e esta contém valores e os

realiza; esses valores fazem amadurecer a pessoa que não se satisfaz mais com um exercício qualquer de liberdade, mas somente com aquele que em resultado objetivo.

A comunidade torna-se, assim, meio, exercício e fruto de uma vida de união entre pessoas que se dão a Deus e aos outros na comunidade e constroem sua própria personalidade na e pela comunidade. Tal é a síntese.

... A vida de comunidade deve ser considerada não como uma maneira qualquer de coexistência, mas como unidade vital, no amor do Cristo, de um grupo de pessoas que, unindo suas vidas numa história e numa tarefa comuns, põem em comunicação, em circulação, à disposição dos outros, tudo o que são e especialmente sua amizade, seu coração, sua vida interior, sua colaboração e seu serviço.

A vida comunitária não é simplesmente a resultante de uma dinâmica de grupo, mas algo de mais profundo: um modo misterioso de viver no amor de Cristo uma vida escatológica que pressagia e, de alguma sorte, torna já presentes as formas da vida e do amor futuros. São comunidades irradiantes, abertas, alegres que dão testemunho da alegria e da liberdade, condição e fruto ao mesmo tempo de seu tipo singular de vida: a consagração; são elas que se tornam um farol luminoso capaz de atrair para a vida religiosa a nova juventude de hoje, tão sensível aos aspectos positivos da virgindade, da pobreza, do devotamento e da comunidade.” (Circular de 2 janeiro de 1968, pp. 60-67).

4. A Contemplação a partir da ação

(Na conferência que Basílio deu aos Superiores Maiores, em 1979, *A Contemplação a partir da Ação*, analisa os fatores de mudança que houve na sociedade moderna, que nos distanciam da época da fundação e tornam a vida espiritual mais difícil.)

“Eis alguns elementos perturbadores:

- 1) Passa-se de um mundo rural a um mundo urbano, de uma sociedade artesanal a uma sociedade muito especializada e pluralista.
- 2) O ritmo de vida, que antes era determinado pelas regras da “casa religiosa”, hoje inspira-se na sociedade moderna ambiental.
- 3) Somos invadidos pelo espírito de comunicação e de consumismo. Há 30 anos, em nossas casas religiosas, a vida era mais recolhida e mesmo controlada. Mas tendências novas apareceram:

- a) Há maior abertura ao espetáculo através da mídia, mesmo quando se trata de espetáculos corretos.
- b) Somos atraídos a possuir objetos oferecidos pela sociedade de produção e nos interessamos por muitos meios que a publicidade oferece para satisfazer este ou aquele de nossos apetites.
- c) Lá onde os Irmãos recebem salário e já não têm mais a preocupação de enfrentar construções ou desenvolver instituições e instrumentos de apostolado, há o perigo de que a pobreza se desorienta sempre mais: não estando bastante dirigida para a partilha e a caridade, ela se deixa ir pouco a pouco à aceitação do nível de vida das classes médias e abastadas. Em 1793, Fouché opôs alguns milhares de cidadãos abastados a 24 milhões de pobres. Em 1978, Marchais fala de 17 milhões de pobres, o que perfaria 36 milhões de cidadãos abastados.
- d) As exigências acadêmicas tornaram-se mais fortes: a necessidade de diploma e de especialização fazem do educador um homem de determinado nível cultural. Ele, que antigamente podia e devia se contentar com um simples Brevê elementar (exame que era feito aos 16 anos) ou com outros estudos rápidos, pode ou deve visar a estudos superiores, uma especialização, uma formação permanente. Aqui e ali deve até conquistar seu lugar com um concurso, às vezes implacável.
- e) O sistema escolar se complica. Às exigências acadêmicas acrescentam-se outras de natureza burocrática, administrativa, sindical, etc. das quais não é fácil se livrar.
- f) A juventude de hoje apresenta ao mesmo tempo dificuldades crescentes. Antigamente dócil e muitas vezes piedosa, hoje de bom grado oscila entre a contestação e a crítica. A tarefa educativa, por isso, torna-se esgotante, e pode dar a impressão de insucesso e inutilidade.
- g) Nosso tempo está marcado por forte avanço de secularização e até de secularismo. A primeira tem aspectos positivos que podem ser benéficos para um educador; infelizmente, porém, ela muitas vezes tem sido vivida sob seus aspectos mais superficiais e mais prejudiciais.
- h) Perigo ainda mais próximo de nosso problema: uma crise da oração e da contemplação sacudiu profundamente certos setores da Igreja. A oração era apresentada como assunto ultrapassado: o homem da era técnica e espacial não deveria mais viver a religião dessa maneira.” (*Contemplação a partir da Ação*, pp. 4-6)

5. Escolarizar o desescolarizar?

Num de seus encontros com os Irmãos da França, em Quimper, em 1974, Basílio falou de desescolarizar a Congregação. A expressão tomada pela mídia foi compreendida de maneira superficial.

Antes de tudo, Basílio fala do ambiente da França em que a escolarização dos jovens é assegurada a todos e de boa qualidade. Nesse contexto, Basílio julga que os Irmãos podem muito bem abrir-se a outros apostolados sempre centrados nos jovens: catequese nas paróquias, casas de acolhida de jovens, preferência dada aos pobres, aos excepcionais, aos retardados...

Convidava os Irmãos, sobretudo franceses ou de países bem avançados, a entrever e a empreender apostolados que fossem pelo menos tão bem escolhidos quanto as escolas tradicionais. Basílio sugeria a não ficar prisioneiros das escolas. Não queria que elas fossem abandonadas, mas que se diversificasse o apostolado dos Irmãos.

Em sua primeira circular, a de *2 de janeiro de 1968*, afirmou, com força e clarividência, que no mundo a tarefa da educação era imensa, que nos cabia tornar os jovens mais conscientes das necessidades do mundo e mais entusiastas para se doar generosamente, e que não devíamos hesitar em orientá-los para as tarefas políticas. Escrevia, entre outras coisas: “Diante dessa atualidade da educação, com sua urgência e a insuficiência de meios, perante também o aumento impressionante e galopante da população jovem, a tarefa educativa e as instituições adquirem importância fundamental. O ‘questionamento da vocação’, sobretudo naqueles que a construíam em torno de um eixo apostólico e do amor à juventude, e que tinham pela tarefa educativa uma co-naturalidade, seria um contra-senso, e semear a dúvida sobre o valor atual dessa tarefa seria não somente uma atitude sociologicamente falsa, mas um prejuízo certo e grave para o progresso da evangelização.

Que sentido teria para nós, que nascemos para isso, essa dúvida sobre a importância de nossa ação no momento em que o Concílio afirmou essa importância?”. (Circular de *2 de janeiro de 1968*, pp. 272-273).

6. Basílio e nosso mundo, ou uma inteligência encarnada

Devemos ser homens de nosso tempo e dentro de nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico, permanecer no diálogo e na comunhão que a Igreja estabeleceu com o mundo e, particularmente, estar à

escuta para descobrir os sinais de nosso tempo. Essa escuta deve encontrar eco no fundo de nossa consciência e ser acolhida com simpatia e compreensão, segundo o Evangelho... Somente compenetrando-nos intimamente do espírito do Senhor e do espírito do Evangelho é que poderemos nos adaptar aos sinais dos tempos e dar respostas adequadas...

É preciso descobrir o futuro no seio do presente e desse modo prevê-lo, a fim de preparar convenientemente a juventude. Mais ainda o cristão, por causa da natureza profética de sua existência em face do mundo, deve aceitar seu tempo com alegria, com a condição, evidentemente, que isso não implique a desintegração de tudo o que o passado tinha de bom, mas a aceitação de novos valores, numa perspectiva humana e mesmo escatológica. Com efeito, o homem deve ser, por seu testemunho e por sua palavra, um sinal de alarme quando as extrapolações de seu próprio tempo são deficientes. Libertando-se delas e também das correntes demagógicas e da acolhida despreocupada das novidades que concebe tudo o que é atual como perfeito ou como fim a atingir, o cristão purifica o hoje quando o acolhe em função do amanhã que é o amanhã temporal, mas sobretudo o amanhã escatológico.

Devemos ser sensíveis aos grandes problemas do mundo e, em conseqüência, querer que nossa Congregação, nossas instituições e estruturas sejam funcionais na proporção das necessidades presentes. Essa funcionalidade, como se compreende facilmente, começa necessariamente pela disponibilidade do coração de cada Irmão, embora ela não termine aí...

É preciso aproximar nossa geração adulta à jovem geração, lutando com toda a nossa alma para encurtar as distâncias, para impedir que se aprofunde ainda mais o fosso que já nos separa. A nova geração precisa ser escutada e compreendida, o que não significa que os jovens devam ser os senhores, nem que nós tenhamos que mudar os verdadeiros valores tradicionais e nos dobrarmos ao que é falso, sem objetividade ou simplesmente de moda. O que eu quero afirmar é que os jovens devem ser escutados, e que nós devemos recolher de seu lábios o que é autêntico e legítimo...

Viver à margem dessa realidade seria, para nós, educadores, mais do que para nenhum outro, omissão de incalculável conseqüência. Ora, essa juventude é o fermento e o novo produto de um mundo que tentei descrever nestas páginas. Por outro lado, não podemos escolher outra juventude com que trabalhar. Diria melhor: com todas as suas absurdidades e rebeldias, uma parte importante dessa

juventude, sem dúvida, vale muito mais que a outra juventude, burguesa e individualista, de antanho.

Essa juventude, em todo o caso, nós a tomamos na pedreira do mundo e a talhamos para o mundo. Entendo mundo, aqui, no sentido dinâmico, por se tratar de um mundo desde a origem, saído das mãos do Pai e dado aos homens, agentes da História, para que o façam produzir como um “talento cósmico...”. (Circular de 2 de janeiro de 1968, II parte, pp. 281-287).

7. Um prólogo escrito por Mestre Basílio

Este prólogo apareceu na revista de Filosofia e de Cultura *Auriga*, da Universidade de Queretaro, em 1990. Basílio apresenta a obra de seu amigo, o filósofo Antonio Pérez Alcocer... Ora, o próprio prólogo é comentado nestes termos: “... A delicadeza de estilo de Basílio nos deixa adivinhar alguns sofrimentos profundos que afligiram o mestre Antonio Pérez Alcocer. Em pinceladas pouco comuns desenha o perfil do homem e a fisionomia do filósofo antes de penetrar até a medula metafísica do livro. Como profundo pensador também, aproxima-se do exterior até a mais íntima interioridade com o método ao mesmo tempo discursivo, analítico e sintético, de alguém que tem confiança em sua obra para prefaciá-la.

Mestre Rueda, de indiscutível honestidade intelectual e ao mesmo tempo de profunda convicção religiosa e mística... feroso pensador que continua a ser chamado às cátedras do universo... Espírito profundamente enamorado de Deus, cujo livro de cabeceira é sempre a obra de S. João da Cruz... Como filósofo, escreveu, no pouco tempo que lhe sobra entre duas ocupações, obras de grande profundeza.

Mestre Rueda fora chamado pelo padre Lombardi ao Movimento para um Mundo Melhor... Foi destacado como colaborador imediato para dar conferências, mas sobretudo para meditar, a partir da Filosofia, da Teologia e da Sociologia, sobre o futuro histórico na perspectiva da ambiência preparatória ao Concílio Vaticano II. Embebido de Filosofia e de Teologia da História, um pouco distanciado da Axiologia fundamental ontológica, pôs-se a ler obras de Metafísica tradicional para preparar o prólogo de Pérez Alcocer que comentamos aqui. Que este comentário nos ajude, pois vem de uma verdadeira autoridade na matéria: o Mestre Basílio Rueda Guzmán”. (*Queimar a Vida*, pp. 272-273).

3

BASÍLIO E O TRABALHO

Quais foram os critérios que conduziram à eleição do Irmão Basílio Rueda como Superior-Geral? Revivendo a situação de 1967, a Igreja após o Concílio, a juventude em plena ebulição, o mundo que evolui muito rapidamente, o Irmão Domingos Ruiz escreve: “O Instituto precisava de um Superior com as características de juventude, maturidade, preparação religiosa e científica, e, por outro lado, com grande capacidade de trabalho, não somente para suportar longas e contínuas horas de trabalho, mas também para saber servir-se dos meios modernos, quer na escolha dos colaboradores, quer no emprego dos meios técnicos”.⁶⁷ Basílio responderá a esses critérios, sobretudo no referente à quantidade e qualidade de seu trabalho.

3.1. A quantidade

Basílio sempre surpreendeu pela quantidade de trabalho que realizava. Com certeza aprendeu muito com seu professor de Filosofia, Osvaldo Robles, que convidava seus alunos, sobretudo os melhores e particularmente os que ele pressentia serem futuros líderes cristãos, a trabalhar muito à noite, a suprimir refeições, a privar-se do sono se fosse preciso; mas o trabalho intelectual devia ser assegurado. O próprio Basílio reconhece essa influência de seu professor, de seu pai no trabalho intelectual e também na fé.⁶⁸ Confessa que seguidamente passava – ele e outros jovens Irmãos como ele – da *Salve-Rainha* da noite anterior à da manhã seguinte, sobre uma máquina de escrever. Quando teve que preparar a mensagem para o Congresso Marial realizado no Brasil em 1982, disse que passou a noite lendo os documentos e depois escrevendo a mensagem.⁶⁹ Os testemunhos são abundantes nesse sentido. Dir-se-ia que

⁶⁷ *Madrid Marista*, “Ao Irmão Basílio”, p. 32. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

⁶⁸ Circular *A obediência*, pp. 47-51.

⁶⁹ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 1.

⁷⁰ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio de 1996, p. 29.

⁷¹ Testemunho escrito em 21 de setembro de 2002. Quase todos os testemunhos em *Madrid Marista*, com o título “Ao Irmão Basílio, número especial por ocasião do término do superiorado de Basílio, mencionam esse aspecto. O livro *O Estilo de uma Vida* traz vários depoimentos de Irmãos que foram recebidos em entrevista nas primeiras horas do dia.

gostava de deixar-se inebriar pelo trabalho. O Irmão Paulo Sester afirma que teria sido muito raro vê-lo pelos corredores da Casa Geral e entrar nos gabinetes de seus conselheiros ou dos secretários sem papéis na mão.⁷⁰ O Irmão Luigi di Giusto, administrador da Casa durante sete anos, recorda ter visto luz quarto de Basílio até três horas da manhã.⁷¹ Ele mesmo, com toda a simplicidade, declara em muitas de suas cartas que seu trabalho se prolonga noite a dentro. Às vezes, até quatro horas da manhã; então achando inútil ir descansar por apenas uma hora, dirige-se à capela e passa o tempo diante do Santíssimo, esperando que a comunidade chegue.⁷²

Isso não quer dizer que esse trabalho não lhe custasse, que não o esgotasse, nem que isso fosse seu hábito cotidiano. Em muitas cartas confessa a seus amigos que leva uma vida esgotante, que está assoberbado de trabalho, que nas cartas só pode ser muito breve.⁷³ Quando o acompanhamos um pouco em sua agenda, nos seus deslocamentos, notam-se muito bem momentos de esgotamento; e alguns retiros previstos devem ser cancelados, ou ele deve tomar alguns dias de recuperação física.⁷⁴ Ele mesmo reconhece que está queimando a vida pelas duas pontas. Mas era um pouco o seu ideal: consumir a vida pelo Cristo e a serviço dos coirmãos.⁷⁵ Por isso, entrega-se ao trabalho com generosidade, com ardor, com tal disposição que muitas vezes seus colaboradores não conseguem acompanhá-lo.

Pensemos, por exemplo, quanto trabalho representa pregar um retiro numa Província de mais de 600 Irmãos. Prepará-lo durante duas semanas com uma equipe de uns 20 colaboradores: Sacerdotes, Irmãos, Médicos. Realizar enquetes complexas e longas e analisá-las imediatamente, enquanto as conferências continuam e os Irmãos estão sendo recebidos em entrevista. Dar esses retiros primeiro aos Superiores, depois a todos os Irmãos, depois aos formadores, depois passar à Província seguinte.⁷⁶ E, às vezes, sem um dia de intervalo, transferir-se de um continente a outro, recomeçando o mesmo cenário com

⁷² *O Estilo de uma Vida* p. 27.

⁷³ Muitas de suas cartas começam com um parágrafo que diz da quantidade de trabalho que o espera.

⁷⁴ Foi o caso do retiro pregado na Canadá, em 1970, que teve que ser retardado e, já em 1967, tomou alguns dias de descanso em Taormina, em companhia do Irmão Gabriel Michel: *Quero despertar a aurora*, p. 43.

⁷⁵ *Queimar a Vida*, pp. 36-37.

⁷⁶ Tudo que está sendo dito aqui foi retirado dos opúsculos *Chamamento à renovação*, de 1972-1973, de Província Norte, da Espanha. Esses opúsculos contêm as conferencias de Basílio e alguns aspectos pessoais. Encontramos as mesmas informações nas revistas de *Bética Marista*, do mesmo período.

⁷⁷ Dom Alfredo Bruniera é um dos íntimos amigos que ele conheceu no Uruguai quando era Núncio Apostólico. Possuímos bom número de cartas do Irmão Basílio a Dom Bruniera, sobretudo quando este era Núncio no Líbano.

temas muitas vezes diferentes e sempre tratados com profundidade. Escreveu a seu íntimo amigo, o Núncio do Líbano, Dom Alfredo Brugnera, que sua saúde não está bem, que apanhou um resfriado que parece não ceder. E isso é devido às freqüentes mudanças de clima, de regime alimentar, de cama e, sobretudo, da quantidade enorme de trabalho.⁷⁷ Estando em Roma, era capaz de dirigir, pela manhã, as assembléias plenárias do Conselho e, à tarde, dar conferências ou pregar retiros aos Irmãos do Colégio Internacional. O Padre Manuel Portilho, um de seus mais próximos e constantes colaboradores, o descreve assim: “Depois de um retiro e de uma noite transcorrida em receber Irmãos até de madrugada, continuava seu trabalho no avião. Eu o deixava ir na frente para que ele achasse onde colocar sua pasta, seus papéis e seu gravador. Ele ficava em contato com a Casa Geral, ditava cartas – na época não havia P.C. – entregava-me cartas para os Irmãos que conhecíamos e dizia: ‘Vou dormir; quando a aeromoça vier para o café, acorde-me’. Fechava os olhos e dormia logo. O café lhe fazia bem, já que tinha pressão baixa”.⁷⁸ O Irmão Luís Puebla Centeno trabalhou por muito tempo na Casa Geral e no Vaticano. Relata este fato: “Lembro-me de que um dia ele estava cansado e estava na hora de ir à Sala do Sínodo, em 1980. Num momento da conversa, exclama: ‘Não sei se vou agüentar sem dormir’. Alguém lhe diz: ‘Hoje fala o papa!’. Sua resposta foi: ‘É que nessa noite dormi apenas duas horas’. E o interlocutor a lhe responder: ‘Será que os Superiores-Gerais não têm o direito de descansar?’. O silêncio foi sua resposta diplomática”.⁷⁹ O Padre Amador Menudo, um dos que ajudaram Basílio nos retiros, escreve: “Trabalhava noite e dia. Tinha o costume de dormir apenas quatro horas. Levava para seu quarto uma garrafa térmica de café. Mas nunca trabalhava com pressa. Fazia uma coisa depois da outra, como se pensasse que só tinha isso a fazer. Fiz-lhe ver que abusava da saúde. Uma vez disse-me: ‘Estou consciente de que queimo minha vida como uma vela acesa pelas duas pontas’. Jamais interrompia o trabalho por motivos de saúde...”.⁸⁰

Consultemos o emprego do tempo de Basílio no ano de 1974. Para termos um esboço completo desse período transbordante de atividade devemos começar com o mês de dezembro de 1973. Basílio toma o avião para Sri Lanka que vai visitar. Em janeiro e fevereiro de 1974, encontra-se na Austrália, em

⁷⁸ *O Estilo de uma Vida*, pp. 56-57

⁷⁹ *Madrid Marista*, “Ao Irmão Basilio Rueda, p. 26. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

⁸⁰ *O Estilo de uma Vida*, p. 17. (Seguem mais cinco testemunhos parecidos).

Drummoyne. Em junho está no Brasil: Veranópolis, Caxias do Sul e Porto Alegre. No mês de julho, ei-lo em Azelo (Bélgica-Holanda). Todo o mês de agosto estará na França com 400 Irmãos que estão preparando a reestruturação de suas Províncias e ele os recebe praticamente todos em direção. Os Estados Unidos o acolhem em meados de outubro até princípios de novembro. Depois está de novo na Bélgica, na Holanda, em Friburgo, na Suíça. No dia 25 de novembro está na Espanha. Dia 26 toma o avião para a Guatemala com destino à Austrália. No dia 27 de dezembro está em Somerton Park, na Austrália, onde passará todo o mês de janeiro e fevereiro de 1975. Devemos falar de um período de quinze meses de deslocamento constante. Entrementes, em Roma, participou das assembléias plenárias, manteve uma correspondência que, em certos meses, ultrapassava 200 cartas e deu andamento a várias circulares que aparecerão no ano seguinte: *O Espírito do Instituto e A Obediência*.⁸¹ Como é que consegue, escrever circulares numa vida tão trepidante assim? No fim de sua primeira circular, a de 2 de janeiro de 1968, a mais extensa, com 657 páginas, faz esta confissão: “Todas a partes desta circular não foram escritas numa paz soberana, mas no vaivém de vossa correspondência, no atendimento aos assuntos administrativos, entre viagens a numerosos países, entre as tarefas dos capítulos, etc.”.⁸² A escolha de suas viagens nem sempre é ditada pela linha reta, mas pela linha do coração e dos Irmãos a atender e confortar em sua vocação. Se ele vai à Austrália parando na Guatemala, é que neste país há dois ou três Irmãos que querem vê-lo e que ele quer entrevistá-los. A salvação de um Irmão pesa mais que uma passagem aérea. Por isso, não voltará a Roma vindo da Austrália, sem passar pelo Chile, pela Colômbia e pelos Estados Unidos.⁸³ As finanças poderão reclamar, mas em todos esses países os Irmãos o esperavam para expor-lhe seus problemas. Ademais, escolheu reservar-se a animação do Instituto, motivo por que assume as conseqüências disso. Eis um fato que comprova como Basílio atendia os Irmãos. Quem o conta é o Irmão Luigi di Giusto: “Um dia, junto com o Irmão Antolín Sanz, fui visitar o Irmão Francisco Oleaga no Sanatório das Filhas de São Paulo, em Albano. Estava muito mal; no entanto ele alimentava a ilusão de que teria alta rapidamente. Dissemos isso ao

⁸¹ Isso foi tirado de várias fontes dos arquivos, sobretudo suas cartas e planos de viagens. As cartas de Basílio são ordenadas por número, meses e anos. O número de cartas por mês seguidamente ultrapassa de 300.

⁸² Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 656.

⁸³ *Basílio, outro Champagnat*, p. 108.

⁸⁴ Testemunho de 21 de setembro de 2002.

Irmão Basílio que imediatamente foi a Albano e, vendo a situação do Irmão, falou-lhe da gravidade de seu estado e preparou-o para morrer. Com efeito, o Irmão Francisco morria pouco tempo depois”.⁸⁴ – Muitos depoimentos mostram quanto Basílio estava pronto a passar a noite junto de um coirmão doente para prestar-lhe os cuidados de que necessitava, e isso mesmo durante seu tempo de Superior-Geral. O Irmão Esteban, da Província de Madri, lembra-se de que, quando era estudante no Colégio Internacional, o Irmão Antolín machucara-se no pé. O Irmão Basílio ia visitá-lo várias vezes por dia. E acrescenta: “Não sei o que poderia ter pensado o Irmão Antolín, mas certamente experimentou a amorosa atenção de um Irmão”.⁸⁵ Uma testemunha silenciosa da quantidade de trabalho que Basílio realizou são os arquivos. Depois de ter passado dois meses, em outubro – novembro de 1985, destruindo grande número de cartas muito pessoais, para garantir a discrição que prometera, os arquivos ainda conservam mais de 10.000. O espaço que os arquivos destinam aos documentos de Basílio é, de longe, o mais considerável de qualquer outro Superior-Geral. Outro tanto pode-se dizer quando se compara suas circulares às dos Superiores que o precederam ou sucederam. Nesse domínio das circulares, ele se impôs uma espécie de maratona, com aquela sobre *A Fidelidade*, de 8 de setembro de 1984. Recebeu quantidade enorme de depoimentos, alguns muito longos, que teve de pedir, ler, classificar, utilizar, para chegar a uma circular de mais de 600 páginas e agradecer a todos os Irmãos que lhe ofereceram seus escritos. Esse trabalho acrescentou-se àquele já imponente que um Superior-Geral deve enfrentar comumente. Ele mesmo diz: “Praticamente meu tempo já está preenchido pelo trabalho do governo e das visitas. Estou em viagens e deslocamentos contínuos...”.⁸⁶

Ninguém nega ao Irmão Basílio a quantidade de trabalho realizado. Os testemunhos a esse respeito poderiam ser multiplicados. Mas o bonito é que todos falam também, de maneira muito favorável, da qualidade desse trabalho.

3.2. A qualidade

Com efeito, se a qualidade tivesse deixado a desejar, será que teria sido solicitado a pregar retiros, a dar conferências, a redigir artigos, a dar entrevistas,

⁸⁵ *Madrid Marista*, “Ao Irmão Basílio Rueda”, p. 16. Número especial de fins de 1985 ou principio de 1986.

⁸⁶ Circular *A fidelidade*, p. 10.

a falar nos Capítulos Gerais de outras Congregações, a receber missões particulares do Vaticano ou a ser diretor espiritual? Ter-se-ia escrito dele que era um mestre espiritual seguro, que era perito em humanidade e cujos escritos eram esperados para lhes conferir larga difusão? Um termo aparece seguidamente nas opiniões que são dadas sobre Basílio: *competência no humano e no espiritual*. O *Caderno 8* oferecerá uma conferência de Basílio – *A Palavra de Deus*. É forte prova da competência de Basílio: ele une a profundidade, o domínio do assunto, um olhar novo e sobretudo a convicção que uma testemunha sabe criar ao extrair de sua vida a força das palavras.

3.2.1 – As testemunhas

O melhor ainda é deixar a palavra a seus colaboradores mais achegados. O Padre Manuel Portillo reconhece: “Irmão Basílio preparava os retiros de uma maneira perfeccionista: o conteúdo, o método, o desenvolvimento... Estava atento aos pormenores do silêncio, das refeições, do descanso....”⁸⁷ O Irmão Gabriel Michel assegura que quando o Irmão Basílio tinha tempo para preparar-se ‘nada dizia de banal’.⁸⁸ Ora, Gabriel Michel acabava de dizer que, às vezes, as conferências de Basílio eram decepcionantes, exatamente porque não tivera tempo de prepará-las. Mas numa declaração posterior afirma: “Se fiz alusão a uma conferência que eu julguei fraca, é que naquele dia o Irmão Basílio tinha recebido em entrevista Irmãos noite a dentro. E eu me dizia: ‘Afinal, bastava que dissesse que estava muito cansado, que tivera muito pouco tempo’. Tenho a impressão de que, naquele dia, deveria, pelo contrário, dizer ao Senhor: ‘Vim para fazer uma série de conferências sobre a obediência. Devo fazer aquela. Tanto pior se ela for fraca e me humilhar’. Sabe-se que a circular foi uma das mais apreciadas. Efetivamente, essas conferências preparatórias foram apenas um rascunho”⁸⁹ O Irmão James Langlois, missionário no Zimbábue, fala de sedução ao escutar o Irmão Basílio: “Foi em setembro de 1969 que tive ocasião de conhecê-lo mais profundamente. Encontrava-me, então, em Roma, fazendo o Ano Champagnat. Foi o Irmão Basílio que dirigiu a primeira oficina de trabalho, para substituir dois conferencistas impedidos de comparecer.

⁸⁷ *FMS-Mensagem*, n.º 19, p. 34.

⁸⁸ *FMS-Mensagem*, n.º 19, p. 40.

⁸⁹ Testemunho escrito em 16 de outubro de 2002.

⁹⁰ Carta de 15 de novembro de 2001, Dete, Zimbábue.

⁹¹ *Queimar a Vida*, p. 220-221. Ver também todos os outros testemunhos dados na p. 8 desta parte.

Considero os quinze dias que passou conosco uma graça preciosa que me pôs no caminho de um renascimento espiritual e religioso. Como a maioria dos outros Irmãos da sessão, eu não tinha feito nenhum estudo sobre o Vaticano II e estava preocupado com a crise que aumentava na vida religiosa. Deu-nos algumas questões para serem discutidas em grupos, o que nos permitiu compreender o pouco que sabíamos a respeito dos documentos do Concílio. Após os relatórios dos grupos, lançou-se numa longa conversa sobre o assunto, retornando a ele várias vezes.

Fiquei seduzido... Eis um homem que tinha verdadeira paixão pela Igreja, pela vida religiosa e grande amor por nossa Congregação”.⁹⁰ Essa sedução foi sentida por muitos ao escutar Basílio: ficavam suspensos de seus lábios. Dissemos, no capítulo anterior, de que maneira os bispos do Equador queriam escutar sobretudo a ele, e como os segundos noviços no Escorial sentiam seus problemas compreendidos e satisfeita sua necessidade de nova visão do mundo, da Igreja e da Congregação: “Em seu auditório adivinhavam-se as emoções coletivas, os pesados silêncios, a atenção suspensa por um fio, a descontração, a hilaridade, assim como uma reflexão profunda”.⁹¹ O Irmão Honório Giraldo Medina foi seu imediato no Escorial e disso nasceu grande amizade e intensa colaboração na Espanha e em Roma. Em 1985 escreveu duas longas páginas a favor do Superior, concluindo assim: “O Irmão Basílio gozou e ainda está gozando de alta consideração entre as autoridades eclesiásticas, culturais e civis. O ex-presidente da República da Itália, José Saragat, veio jantar na Casa Geral. Professores da Gregoriana, do Angelicum e de outras Faculdades vieram vê-lo para tratar de assuntos das suas especialidades... Na União dos Superiores Maiores, seu prestígio era notório... Sua ascendência era extraordinária, e várias congregações vinham expor-lhe seus problemas e obter soluções....”.⁹²

Basílio trabalhava habitualmente em equipe e tinha grande respeito para com a subsidiariedade, depositando confiança em seus conselheiros e colaboradores. Ele mesmo declara que, para a preparação dos retiros da Espanha, em 1972, foi

⁹² *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio, p.31. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, em 1985. Entre as congregações que solicitaram o auxílio de Basílio durante seu Capítulo Geral há os Padres de S. Paulo, os Salesianos, os Padres Barnabitas. Outras vezes era todo o Conselho Geral de uma congregação que vinha para uma visita e um tempo de trabalho, como no caso da Cúria dos Padres Jesuítas.

⁹³ *Chamamento à renovação* n.º 0, p. 1, setembro de 1972.

⁹⁴ *Quero despertar a aurora*, p. 42.

⁹⁵ *Madrid Marista*, “Ao irmão Basílio”, p. 36, número especial por ocasião do término de superiorado de Basílio, 1985

⁹⁶ Depoimento do Irmão Conrado Trascasa García, em 24 de novembro de 2002.

uma equipe de especialistas que se reuniu por duas semanas, trabalhando num ritmo de 10 a 12 horas diárias.⁹³ O Irmão Gabriel Michel e o Padre Manuel Portillo se lembram de como ele convocava seus colaboradores, nos arredores de Roma, num lugar tranqüilo, para poder escrever as circulares.⁹⁴ Dizem-nos também de que maneira ele solicitava o parecer de especialistas e, estando em Roma, convidava-os para uma refeição de trabalho em Água Viva, para que não perdessem tempo. Foi o caso dos teólogos jesuítas Urs von Balthasar e Lyonnet. Estando na Espanha, solicitava o parecer dos Padres Sebastião Aguilar, secretário da Comissão Episcopal, Vicente Alcalá, S. J., médico e psicólogo da FERE,⁹⁵ do Padre Ruiz Mateos, redentorista, médico-psicólogo da CONFER, e do Padre D. Andrés Avelino.⁹⁶ Deve-se também acrescentar que Basílio levava consigo por muito tempo o que queria escrever. Isso amadurecia em seu pensamento e em sua oração, no contato direto com os homens e as situações, nas conferências que já propunham esses temas. O Irmão Gabriel Michel nos explicou de que maneira foi escrito o prólogo teológico da circular *Um Novo Espaço para Maria*, como que de um jato único, ditado por Basílio, e isso aconteceu também com a circular *O Espírito do Instituto*.⁹⁷

Outro aspecto que atesta o lado sério do trabalho de Basílio são as enquetes que propunha, quer aos Irmãos de uma Província, quer a todo o Instituto. A finalidade era obter a identidade psicológica e espiritual da Província ou do Instituto, se podemos dizer, para chegar ao conhecimento mais científico possível e sugerir, para cada caso, remédios e programas de ação adequados.⁹⁸

3.2.2 – As circulares

As circulares são fruto de longa gestação no cruzamento da reflexão, da oração, da vida (viagens, visitas, encontros de Irmãos) e de conferências que constituíam como que sua plataforma de lançamento. Teria gostado de escrever uma sobre a pobreza. Pronunciou sobre esse tema conferências muito ricas, mas não sentia o Instituto ainda preparado. *A Vida Comunitária* atingiu uma tiragem de 30.000 exemplares em 1973 e foi considerada o *best-seller* dos livros religiosos.⁹⁹ Mas outras circulares foram editadas para o grande público, como *Entretenimento sobre a Oração*, *Um Novo Espaço para Maria*, *Projeto Comunitário*. Essas publicações

⁹⁷ Ver o capítulo sobre a Virgem Maria.

⁹⁸ *Madrid Marista “Ao Irmão Basílio”*, p. 36. Número especial por ocasião de fim do superiorado de Basílio, 1985.

⁹⁹ *Queimar a Vida*, p. 166.

testemunham a qualidade do pensamento do Irmão Basílio. Em nossa família, algumas de suas circulares foram recebidas com entusiasmo; por exemplo: *Um Novo Espaço para Maria, A Fidelidade*; entre os mais entendidos, a da *Obediência* é considerada uma obra-prima. Outras tiveram menor impacto imediato, por serem muito avançadas, como a comprida circular *2 de janeiro de 1968*, com sua sensibilidade especial para com o mundo, a Igreja e o Fundador, quer por serem muito empenhativas, como as duas circulares *Projeto Comunitário* e *O Projeto de Vida Comunitária*. Todas, contudo, possuem longas e ricas páginas de perspicácia e sabedoria. Muitos Irmãos concordam em dizer que as circulares em geral permanecem um grande tesouro para a Família marista e para a Igreja. Em algumas sessões de língua francesa, de dois meses, o Irmão Alain Delorme, responsável, centrava muito suas palestras sobre essas circulares: leitura, meditação, oração. Alguns Irmãos que seguiram essas sessões ficaram admirados com a descoberta das riquezas que elas contêm. Ainda hoje, mais de trinta anos depois, num mundo que evolui muito rapidamente, elas guardam seu frescor de estilo e de pensamento. As qualidades de inteligência de Basílio impregnam seu trabalho, assegurando-lhe valor, garantia e competência.

3.3. Algumas características

Assim como a inteligência de Basílio, também seu trabalho apresenta muitas facetas, mas três sobretudo podem atrair a atenção: *a grande humanidade* que empregava no trabalho, *o sentido de responsabilidade*, e *a oração*.

3.3.1 – Um homem que está próximo

Visitas, cartas, conferências e escritos põem em contato com um *homem que se quer próximo*, que tem o respeito e a paixão pelo outro e para quem a pessoa é sempre um absoluto. Sabe acolher: a porta de seu quarto sempre está aberta, sabe escutar todo o tempo de que se necessita, possui a experiência e a palavra que pode guiar. Esse aspecto será retomado num capítulo posterior que apresentará Basílio como Irmão e amigo. De momento, contentar-nos-emos com um depoimento: “...Você nos fazia ver a realidade da vida. Aceitava a miséria e a generosidade. Sabia dar a cada um a ajuda de que necessitava. Para você, tudo era importante: a saúde física, a falta de maturidade, as dúvidas e a incerteza pessoais. Sua constante preocupação era o homem: ‘o homem de carne e osso’, como diria Unamuno. O homem real que caminha e que cai, que se levanta e recai; que, por vezes, voa às alturas e, outras vezes, se arrasta no

chão. Foi de você que aprendi que a amizade não se impõe, não se inventa... Foi de você que aprendi a tarefa difícil de ser superior: dar-se a todos, ocupar-se de todos, não adotar procedimentos que excluem. Você me ensinou o desinteresse e a renúncia, o amor ao trabalho e a aceitação da fraqueza... Você é sempre o mesmo: simples, trabalhador infatigável, ordenado, sempre pronto a servir a todo o mundo, religioso marista”.¹⁰⁰

Basílio vive outra maneira de trabalhar e de ser Irmão; é quando ele se entrega com prazer aos trabalhos mais simples que traduzem afeição: carregar as malas dos que chegam, servir à mesa, oferecer aperitivos nos dias de festa, lavar os pratos, varrer o pátio. Afirmava, sem citar a Universidade, que havia obtido “um diploma especial para lavar os pratos”. Um Irmão, estudante no Colégio Internacional, escreve: “Uma noite eu estava limpando a mesa que havia servido a Irmãos que se atrasaram. Era meia-noite. Basílio desceu para tomar um copo de leite, segundo seu hábito, creio que para continuar depois o seu trabalho até de madrugada. Ao me ver, aproximou-se e pôs-se a me ajudar até que tivéssemos terminado”.¹⁰¹ Esse aspecto será ampliado no capítulo que tratará da humanidade de Basílio.

3.3.2 – Um homem responsável

O senso de responsabilidade é outra constante do trabalho de Basílio. Sabemo-lo desde as primeiras páginas de sua circular *2 de fevereiro de 1968*, que é o primeiro escrito como Superior-Geral. Faz uma longa reflexão sobre a prudência, solicita essa virtude ao Espírito e à Virgem Maria. A audaciosa prudência dos santos deseja-a para si e para seu Conselho.¹⁰² Solicitará sempre o parecer de seus colaboradores, até sobre temas em que estava bem informado, e conforma-se com o parecer do Conselho, mesmo quando esse expressa voto contrário à sua posição. Nas Províncias é o respeito do Provincial, que ele sustenta com todas as suas forças, e do Conselho Provincial: “Quando apareciam problemas numa Província, o Irmão Basílio tomava-os como seus e envidava todos os seus esforços para resolvê-los, esgotava todas as possibilidades e todos os

¹⁰⁰ *Madrid Marista*, número especial, testemunho do Ir. Vitorino de Arce, p. 24.

¹⁰¹ *Madrid Marista*, “Ao Irmão Basílio, p.16. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

¹⁰² *Circ. 2 de janeiro de 1968*, pp. 4-10.

recursos”.¹⁰³ Mas ele também quer estar atento ao Espírito que se manifesta através desses Irmãos e que ele denomina profetas da Província.¹⁰⁴

O sentido da responsabilidade também se evidencia no esforço de discernimento que fazia por todo Irmão em dificuldade e nos grandes desvios que impunha às suas viagens para encontrar-se com um Irmão, escutá-lo, firmá-lo em sua vocação ou ajudá-lo a sair, se fosse o caso.¹⁰⁵ Responsabilidade também em relação a todas as confidências que os Irmãos lhe faziam, quer oralmente, quer por escrito. Se se tratasse de depoimentos escritos, para circulares – como *A Fidelidade* – possuía um catálogo para aquilo que poderíamos chamar de respeito da intimidade.¹⁰⁶ Previa oito casos possíveis... Passará dois meses, no fim de seu segundo mandato, para destruir toda carta pessoal.

3.3.3 – Com um coração de Igreja.

Outra faceta da responsabilidade, em Basílio: obedecer à Igreja. O Concílio solicita a renovação do Instituto? Empregará nisso todas as suas energias para insuflar valores evangélicos, voltar às fontes, ao espírito das origens e responder ao mundo de hoje. É também esse sentido da obediência e da responsabilidade que incita Basílio a impelir a Congregação para os pobres e para as missões. Dizia aos grandes noviços do Escorial em 1981: “É preciso sensibilizar o Instituto para o grande ritmo da Igreja universal; nada de compartimentos, com muros herméticos. Nada de ouvidos surdos ao clamor do mundo”.¹⁰⁷

3.3.4 - Atento aos talentos que Deus lhe concedera

Temos o costume de considerar Basílio como um homem público, aquele que assume cargos e os desempenha bem. Isso nos faz esquecer quanto Basílio teve o senso da responsabilidade para com Deus e para consigo mesmo: desenvolveu ao máximo os talentos que Deus colocara em sua natureza. Há uma disciplina pessoal que muitas vezes esquecemos e que o conduziu a grande domínio de si mesmo, a grande capacidade de se concentrar, de estar totalmente presente a um problema, a uma pessoa, a Deus. Isso também lhe permitia aquilo que certo

¹⁰³ *Queimar a Vida*, p. 225.

¹⁰⁴ *Apelo à superação*, Retiros de 1970, “*A Renovação*”, p. 5. Mesmas idéias apresentadas nas revistas da Província do Norte, Espanha; “*chamamento à renovação*” e nas revistas de *Bética Marista* de 1972-1973.

¹⁰⁵ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio de 1996, p. 43: Depoimento do Ir. Leonardo Voegtle, Procurador-Geral.

¹⁰⁶ *Circ. A Fidelidade*, p. 615: “Utilização dos escritos”.

¹⁰⁷ Ver doc.: “Historial de las Sesiones de Noviciado Mayor en España, folha 7-VIII-81, p. 6 (final do documento).

numero de seus colaboradores testemunham: equanimidade.¹⁰⁸ O Irmão Luís Puebla Centeno oferece-nos, entre outras, esta imagem: “Seu tempo de governo foi afetado por muitas defecções na vida religiosa, tendo sido alguns casos extremamente dolorosos... Queiramos ou não, isso tem repercussão não somente no corpo da congregação, mas também nos responsáveis pelo governo; é evidente que isso desgasta e cansa. Apesar dessas circunstâncias adversas, nunca se viram nele sinais de desânimo ou abatimento; pelo contrário, sempre demonstrava grande serenidade de espírito, sorriso, amabilidade, ‘nervos’ muito sólidos e grande lucidez de espírito; um domínio de si exemplar, e constantemente encorajador, acolhendo com afeição todos os que vinham pedir-lhe ajuda, orientação ou conselho”.¹⁰⁹ Aos jovens Irmãos do *Jesus Magister*, dizia Basílio: “Há duas regras de ouro na vida. Uma, em nível natural, outra, em nível espiritual. Em nível natural: ‘trabalhar para o equilíbrio é trabalhar para fazer amadurecer sua personalidade’. No plano sobrenatural: ‘trabalhar para a paz é trabalhar para a presença do Espírito Santo’. Tenham a certeza de que quando um coração, do ponto de vista sobrenatural, está em paz, o Espírito Santo está bem presente. No ponto de vista humano, na medida em que há equilíbrio, há maturidade”.¹¹⁰

3.3.5 – Um trabalho que amadurece na oração

A riqueza das qualidades humanas de Basílio moldam seu trabalho, e este sempre é produzido *num clima de oração*. Depoimentos nos revelam que ele solicitava às comunidades de Irmãos idosos que rezassem bastante, por ele e pela Congregação. A oração também era solicitada às casas de Irmãs de clausura que ele ajudava financeiramente. Já dissemos também que tinha por hábito terminar suas circulares em ambiência de oração, num daqueles lugares perto de Roma, muitas vezes à beira do Lago Albano, que garantem a tranqüilidade. Sobretudo, era ele mesmo um homem de Deus, dando grande espaço à intimidade com o Senhor; estava convencido de que somente Deus pode converter os corações. Como para Marcelino, o Salmo 126 era muito

¹⁰⁸ *O Estilo de uma Vida*, nas pp. 117 a 121, apresenta uma série de testemunhos nesse sentido.

¹⁰⁹ *Madrid Marista*, “Ao Irmão Basílio Rueda”, p. 25. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

¹¹⁰ *Encontros com o Irmão Basílio Rueda*, p. 12. (Fonte, Irmão Elias Peña, Roma, 15-12-1969).

¹¹¹ O capítulo sobre a oração confirma, em mais de 40 páginas, o que aqui é apenas esboçado.

importante: “*Se o Senhor não constrói a casa, é em vão que trabalha o construtor*”.¹¹¹

Basílio dissera: “*Não se mudam os corações com frases*”.¹¹²

Quase no fim de seu segundo mandato, ao escrever a circular *A Fidelidade*, notava: “O Irmão Marista médio não é levado a redigir um jornal espiritual, menos ainda a desenhar arabescos ilustrando sua viagem interior. É, de preferência, o homem de ação, de contatos, de doação. Tudo o que tende a um retorno sobre si mesmo, por mais nobre que seja, não é muito de sua natureza. Se soubermos ganhar sua confiança, ele pode expor toda a sua vida diante de você, mas quanto a pô-la preto no branco, é outra coisa”.¹¹³

Como qualquer Irmão Marista, o Irmão Basílio é homem de ação, de contato, de doação. Essas qualidades, porém, ele as eleva a um ponto muito alto. Acrescenta a capacidade da contemplação, da introspecção, do discernimento dos espíritos e da arte de escrever, qualidades que se exprimem numa experiência humana muito rica.

O Irmão Basílio conserva até o fim o hábito de um trabalho abundante. O Irmão Remi Véricel nos diz que, ao regressar para o México, Basílio foi encarregado da Família Marista, depois incorporou-se ao Conselho da Direção e Extensão Educativa, que supervisionava 60 escolas, foi conselheiro provincial, encarregado de acompanhar os Irmãos de votos temporários de todas as comunidades da Província; mais tarde foi Mestre de Noviços e devia garantir volumosa correspondência, conferências e animação de retiros.¹¹⁴

O Irmão Cláudio Girardi, falando da quantidade de trabalho que Basílio se impunha, por exemplo, com suas enquetes colossais, diz que Basílio, certamente, recitava a oração de seu grande amigo, o padre Alberione, fundador da Sociedade de São Paulo: “Senhor, que minha hora valha duas, que meu trabalho renda o dobro, que minha hora de sono conte por duas”.¹¹⁵

¹¹² *A contemplação a partir de ação*, pp. 6-7.

¹¹³ *Circ. A Fidelidade*. p. 11.

¹¹⁴ *O Estilo de uma Vida*. p. 27.

¹¹⁵ Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

TEXTOS

1. As circulares

“Enquanto fui secretário, participei ativamente na redação de três longas circulares do Irmão Basílio.

E eis o périplo que habitualmente esses documentos seguiam:

Munido de lápis, sobre uma folha em branco, ele traçava o plano do assunto que queria tratar. Acabado esse trabalho, o Irmão Basílio e eu nos encerrávamos na casa do *Divino Maestro*,¹¹⁶ casa de retiro nos arredores de Roma, propriedade dos Padres Paulinos e residência de seu fundador, Dom Alberione.¹¹⁷ Habitualmente assistíamos à sua missa.

O Irmão Basílio dedicava horas e horas do dia e da noite a escrever, com a exuberância que o caracterizava, sobre a doutrina, os exemplos de apoio e as conclusões práticas. Eu colaborava trazendo citações e confrontando referências. Depois vinha o ordenamento e a redação literária. O Irmão Basílio era um “*causeur*” agradável e não menos brilhante escritor. Reconheço que sou um pouco lento no trabalho; de qualquer maneira as circulares eram muito compridas, e eu devia dedicar muitos dias para colocá-las em dia. Certa ocasião, isso o contrariou de tal modo que Basílio me disse: ‘Publique a circular assim mesmo, sem se preocupar com o estilo’. Um pouco intimidado, respondi-lhe: ‘Lembre-se de que é um documento do Superior-Geral; por isso, deve-se cuidar e apresentá-lo de maneira decente’.

As circulares eram impressas na Editora Luis Vives, de Saragoça. Lembro-me que, certa ocasião, o redator da casa, meticuloso e purista, disse: ‘É um mexicano que escreve a circular, um chileno que a põe em forma, e é preciso que nós a ponhamos em bom espanhol’.

Para expor suas idéias, o Irmão Basílio precisava caminhar num grande mato, com toda a espécie de árvores, arbustos e sarças. E perante essa exuberância, não era fácil ser breve e conciso.” (Irmão Honório Medina Giraldo, em *Madrid Marista*, suplemento ao número 71, abril de 1996).

¹¹⁶ Em Ariccia, sobre as colinas próximas de Roma.

¹¹⁷ Dom Alberione era então idoso; era ele que muitas vezes rezava a missa assistida por Basílio e seus colaboradores. Dom Alberione, que muito em breve será proclamado bem-aventurado, era grande amigo de Basílio.

2. O homen estimado

Eis o que me dizia um membro da União dos Superiores Maiores: “O Irmão Basílio é um dos raros Superiores Maiores notáveis e que dá o tom a esta instituição”. Em duas ocasiões dirigiu o Capítulo Geral dos Padres Paulinos. Esses religiosos o admiravam e o consultavam freqüentemente. Publicaram também algumas de suas circulares entre os livros de espiritualidade.

Os Padres Salesianos também lhe pediram colaboração num de seus Capítulos Gerais.

Entre as congregações de Irmãs era freqüente que membros do Conselho Geral viessem solicitar parecer e orientação sobre assuntos delicados do governo. Com o Padre Arrupe manteve relações muito estreitas. Acredito que eles se ajudavam mutuamente diante de sérios problemas que surgiam nas duas congregações. Uma vez Basílio convidou à Casa Generalícia toda a Cúria Geral da Companhia de Jesus.

Seguidamente era convidado a proferir palestras para outras congregações ou movimentos apostólicos, como o Movimento do Mundo Melhor.

Freqüentemente o Cardeal Pirônio se encontrava comigo à saída do trabalho. Pelo menos três ou quatro vezes me pediu notícias de Basílio, sobre seu próximo destino e se estava ou não em Roma. Fazia-o realmente por amizade, notava-se a afeição; não era apenas em nível informativo.

Alguém altamente colocado na Congregação dos Religiosos quis saber qual seria o próximo trabalho do Irmão Basílio e, concluindo, me disse: “Não percam os valores que ele tem e que representa”.

Sua Eminência o Cardeal Antônio Maria Javierre Ortás, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e os Sacramentos, me disse que era membro capitular de sua Congregação quando o Irmão Basílio lhes deu uma conferência sobre as Constituições. E acrescentou: “Nunca teria pensado que um homem pudesse saber tanto sobre as Constituições”. (*Madrid Marista*, suplemento ao número 71, pp. 14-15. Testemunho do Irmão Luis Puebla Centeno)

3. Como governar?

“No sistema de governo foram introduzidos, vocês sabem, importantes mudanças. Apesar de todas essas transformações, penso que a diferença entre o que existia e o que está nascendo repousa não tanto na estrutura, mas no espírito que está sendo introduzido *lentamente* (insisto sobre esse advérbio, não

para ferir, mas porque me parece que é assim mesmo) em nossa mentalidade e em nossa maneira de proceder: um espírito que, sem questionar uma verdadeira obediência, procura integrar os princípios de subsidiariedade, descentralização, co-responsabilidade, delegação, de participação, de diálogo, etc.

Um bom dirigente é aquele que se esforça para conseguir que seus subordinados possam ter opiniões, não somente de direito, mas de fato, no plano mais imediato em que se encontram os executantes da decisão, a qual foi possível graças à liberdade e à responsabilidade nesse nível. É preciso formar para a liberdade e responsabilidade, porque não devemos esquecer que na ordem cristã e ainda mais na dos votos, as opções na Igreja e nas congregações não podem se determinar simplesmente em função dos níveis a que pertence a decisão, mas também, e sobretudo, em função do próprio conteúdo da opção. Não se trata simplesmente de determinar a que nível corresponde a decisão, mas de cumprir a vontade divina. É por isso que a autoridade superior tem a obrigação de retificar uma opção mal posta pela base; e, inversamente, quando é mal posta pelo Superior, são os membros da base que têm a obrigação do diálogo, da ação profética e mesmo do recurso.

Estamos suficientemente preparados para isso? Ou permanece ainda em nós muito de humano, de elementos refractários à graça, que impedem a obediência e a autoridade de realizar o mistério de comunhão com a vontade do Pai?

A ação corretiva no exercício da subsidiariedade deveria entrar em função desde o momento em que a opção não está de acordo com a vontade do Senhor. (*Meditação em voz alta*, pp. 361-362 que preparam para o caderno 7: *Basílio, o líder e o irmão*).

**A INFIDELIDADE
COMEÇA
QUANDO NOS FECHAMOS
À TERNURA
E AO AMOR DE DEUS.**

Autor

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

Tradução

Irs. Nilo Berto e Salvador Durante - fms

Original: *Cahier 6 : L'intelligence, le travail* – Março 2003

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: publica@fms.it e gbigotto@fms.it

Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

Impresso na Itália

ÍNDICE

1 À sombra do segundo mandamento	3 - 4
2 A inteligência de Basílio	5 - 31
2.1. Os fatos	5
2.2. As testemunhas	7
2.3. Um homem fora de série: as facetas de sua inteligência	11
Textos	21
3 Basílio e o trabalho	32 - 47
3.1. A quantidade	32
3.2 .A qualidade	36
3.2.1 As testemunhas	37
3.2.2 As circulares	39
3.3. Algumas características	40
3.3.1 Um homem próximo	40
3.3.2 Um homem responsável	41
3.3.3 Com um coração de Igreja	42
3.3.4 Responsável de seus talentos	42
3.3.5 Um trabalho que amadurece na oração	43
Textos	45